

POETURA

POETURA 11. ISSN 1678750-1 .pt/br

POETAS & ESCRITORES

- ACÁCIO COSTA
- ÂNGELO RODRIGUES
- BARATA CICHETTO
- JOSÉ MORENO
- LUÍS ROXO
- MARCUS HEMERLY
- NELI FONSECA
- PATRICÍA VICENTE

A. LOBO ANTUNES

A OUTRA MARGEM DO MAR

FERNANDO PESSOA

PALAVRAS SILÊNCIOSAS

A POESIA NA SAÚDE MENTAL

COMO A ESCRITA PODE SER TERAPÊUTICA

A.MANUEL RIBEIRO

UM DOS MELHORES POETAS-ROCK EM PORTUGAL

POETAS & ESCRITORES

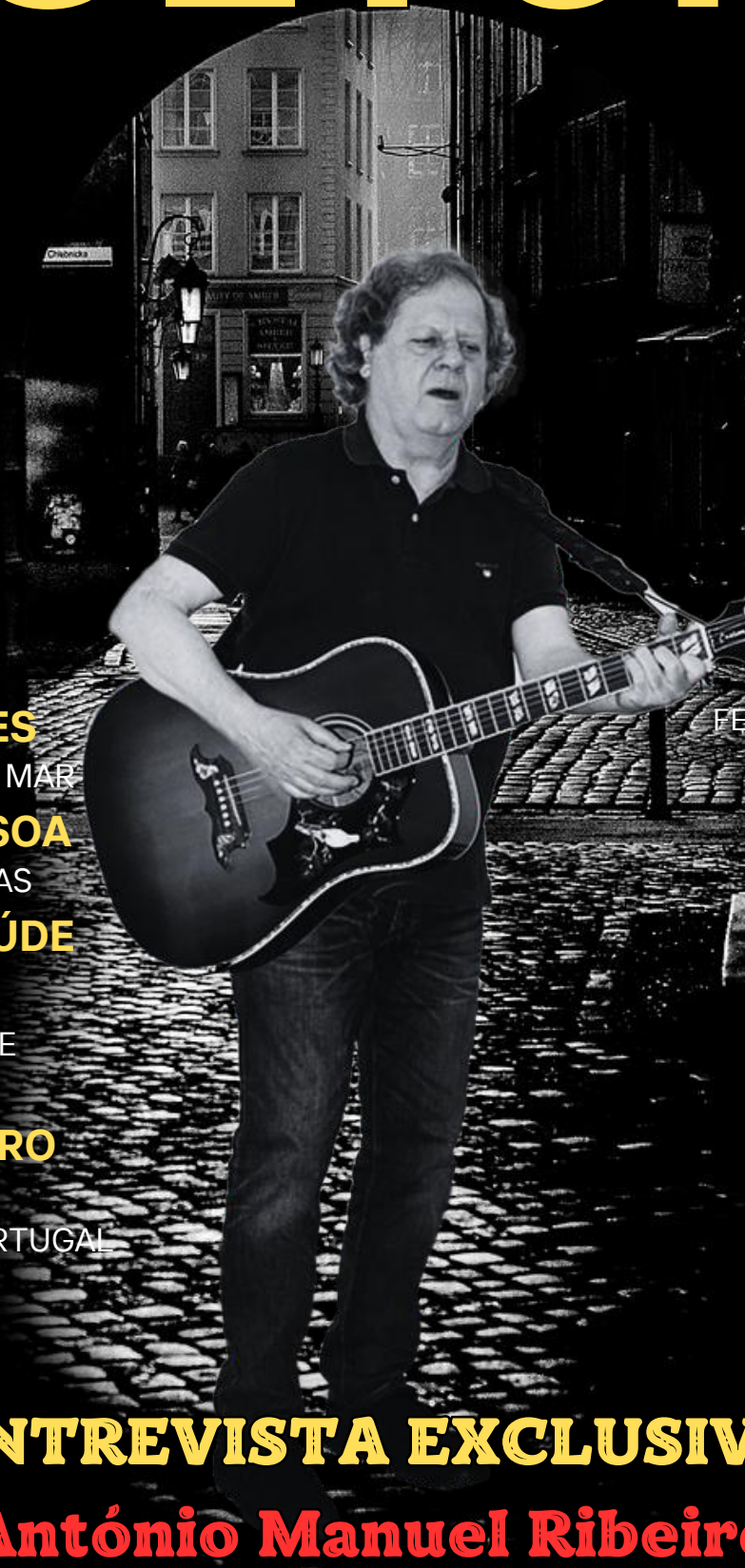
- ARMANDO M. BEJA
- MIGUEL A. TEIXEIRA
- LASANA LUKATA
- EUCLIDES CAVACO
- RENATO MARTINS
- FERNANDO FONSECA

- FORTUNATA FIALHO
- FERNANDO VASCONCELOS
- VITORINO DE SOUSA
- MAURÍCIO CAVALHEIRO
- MARIA FIALHO
- MÁRCIO MUNIZ
- LU GALVÃO
- MARA FERREIRA
- MARIA CEZAR
- SHEISE PIEZENTINI
- VERA LUCIA DIAS
- DOMINGOS BOIEIRO
- CAROLINA AUGUSTA
- PEDRO VALE
- ANTÓNIO MOTA
- ADALBERTO SILVA
- E MUITO MAIS...

ENTREVISTA EXCLUSIVA

António Manuel Ribeiro

REVISTA DE POETAS & ESCRITORES INDEPENDENTES

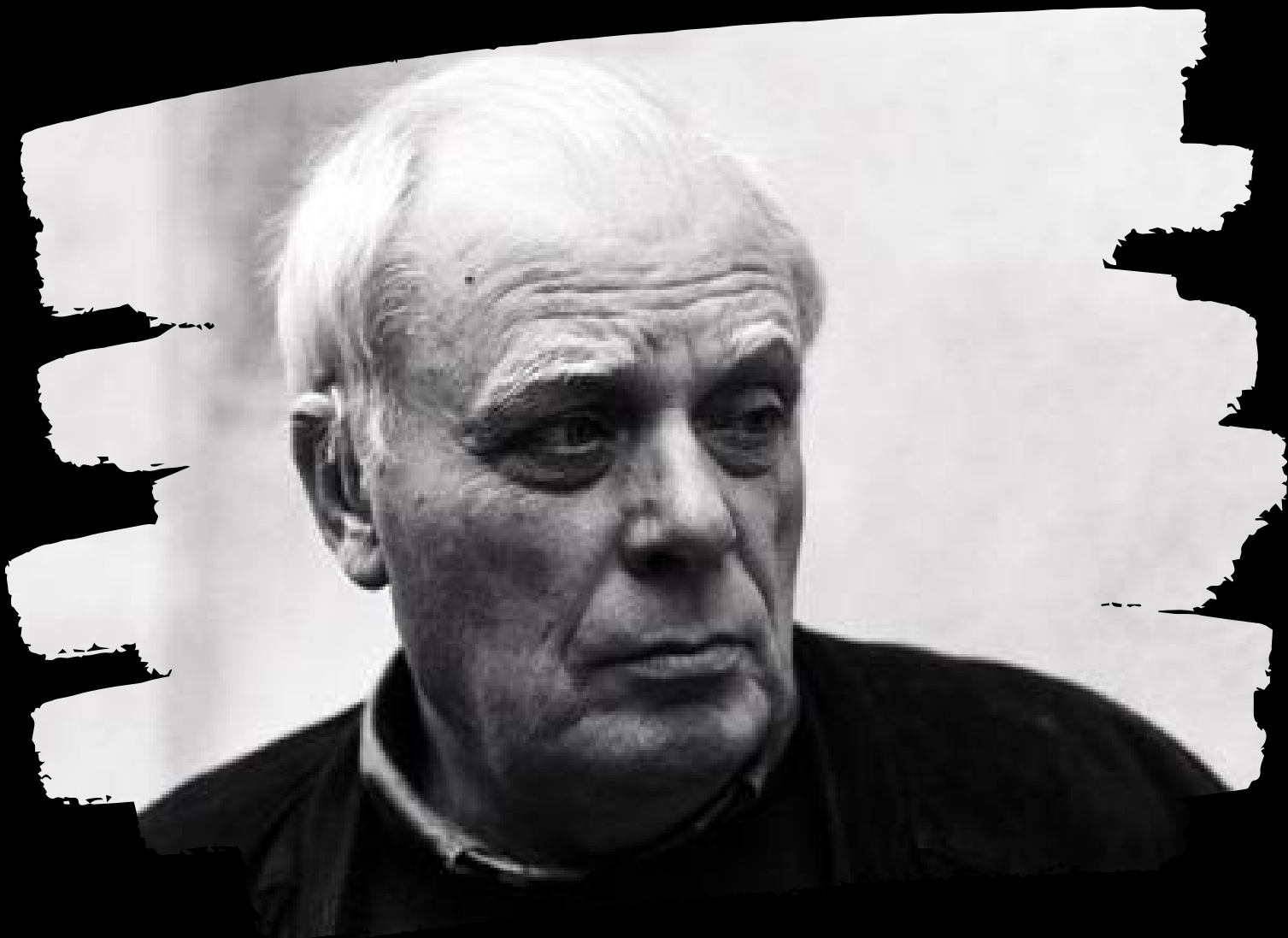


ÍNDICE ARTIGOS

EDITORIAL	pag.05
4 TOP LIVROS	pag.08
4 TOP E-BOOKS	pag.09
FERNANDO PESSOA	pag.10
POETAS & ESCRITORES	pag.17
DESTAQUE LIVRO	pag.37
ENTREVISTA EXCLUSIVA	pag.39
A.LOBO ANTUNES	pag.49
JOSÉ GOMES	pag.52
CLARICE LISPECTOR	pag.55
CURSO ESCRITA	pag.63
ISAAC ASIMOV	pag.108
ESPECIAL PUETURA	pag.71
ISAAC ISIMOV	pag. 78
AGATHA CHRISTIE	pag.81
STEPHEN KING	pag.84
MARY SHELLEY	pag.87
LUIS ROXO	pag.91
BARATA CICHETTO	pag.93
MIGUEL MOREIRA	pag.95
POETAS e ESCRITORES	pag.98
DICAS LER	pag.129



POETAS & ESCRITORES



ANTÓNIO LOBO ANTUNES

POETURA

POETURA



Editor Chefe
LUÍS ROXO

Assesores de Imprensa
ANA DUTRA
PATRICIA VICENTE

Revisões
JOANA PIMENTEL

Arte Capa
Luís Roxo
MELISSA SILVA

Edição Jornal Cultura 24H
SUZANA KUPERSTEIN
LARISSA MARIA
BRUNA GIOVANNI

PARA CONTATOS:
musictvoceano@gmail.com



PATRICIONADORES



JORNAL CULTURA 24h

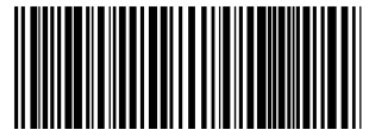


RÁDIO TVR CULTURA



THE LUIS TRIANGLE PROJECT

A REVISTA POETURA É UMA PRODUÇÃO INDEPENDENTE E LIVRE DE QUAISQUER VÍNCULOS POLÍTICOS E RELEGIOSOS. OS TEXTOS PUBLICADOS AQUI SERÃO DA INTEIRA RESPONSABILIDADE DOS ESCRITORES E POETAS OU OUTROS E NÃO DIZEM RESPEITO À OPINIÃO DO EDITOR E SUA EQUIPA NA REVISTA, ISENTOS DE TODA E QUALQUER INFORMAÇÃO QUE TENHA SIDO APRESENTADA DE MANEIRA EQUIVOCADA POR PARTE DOS AUTORES AQUI PUBLICADOS.



5 19666 43569 7


EDITORIAL DE MARTE

Prezados leitores,

À medida que adentramos o mês de Junho, é com imensa alegria que apresentamos mais uma edição da Revista Poetura. Este mês, voltamos nosso olhar para o elemento fundamental que sustenta toda a nossa jornada literária: a leitura.

A leitura não é apenas um passatempo agradável; é um ato de conexão, de aprendizado e de crescimento pessoal. Ao abrir um livro, mergulhamos em mundos desconhecidos, encontramos personagens intrigantes e nos envolvemos em tramas cativantes. Mas além do entretenimento, a leitura possui um valor intrínseco que permeia todas as esferas de nossas vidas.



A full-page background image featuring a vast, reddish-brown desert landscape under a bright, hazy sky. In the foreground, an astronaut in a white spacesuit stands with their back to the camera, looking out over the horizon. A massive, cratered moon dominates the upper right portion of the frame. The sky is filled with a vibrant, multi-colored nebula or aurora, transitioning from yellow and orange near the horizon to deep blues and purples higher up. Several bright stars are visible in the dark sky.

Através da leitura, expandimos nossos horizontes, ampliamos nosso conhecimento e aprimoramos nossa compreensão do mundo ao nosso redor. Descobrimos novas perspectivas, exploramos diferentes culturas e nos tornamos mais empáticos e tolerantes. A leitura nos desafia a pensar criticamente, a questionar o status quo e a buscar respostas para as grandes questões que permeiam a existência humana.

Além disso, a leitura é uma fonte inesgotável de inspiração para os escritores e poetas. Cada palavra escrita é moldada e influenciada pelas obras que vieram antes, criando uma rica tapeçaria de influências e ideias. Assim, a leitura não apenas enriquece nossas vidas como leitores, mas também nutre e alimenta o universo literário como um todo.

Portanto, neste mês de junho, convidamos você a redescobrir o prazer e a importância da leitura. Que esta edição da Revista Poetura seja uma celebração da magia das palavras, da beleza da imaginação e do poder transformador da leitura. Que nos inspire a abrir novos livros, a explorar novos mundos e a nos tornar versões mais plenas e conscientes de nós mesmos.

Com os melhores cumprimentos,
A equipe editorial da Revista Poetura



Luís Roxo

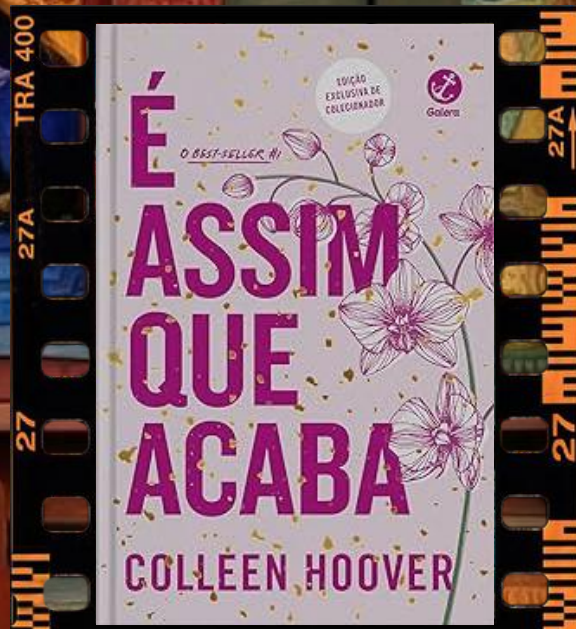
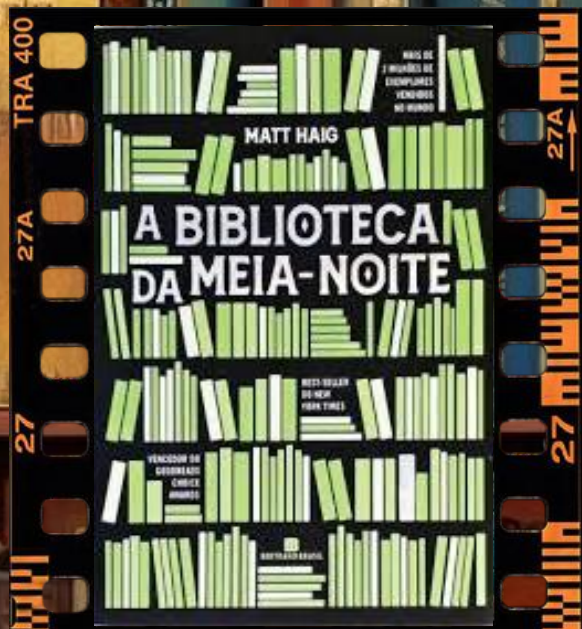
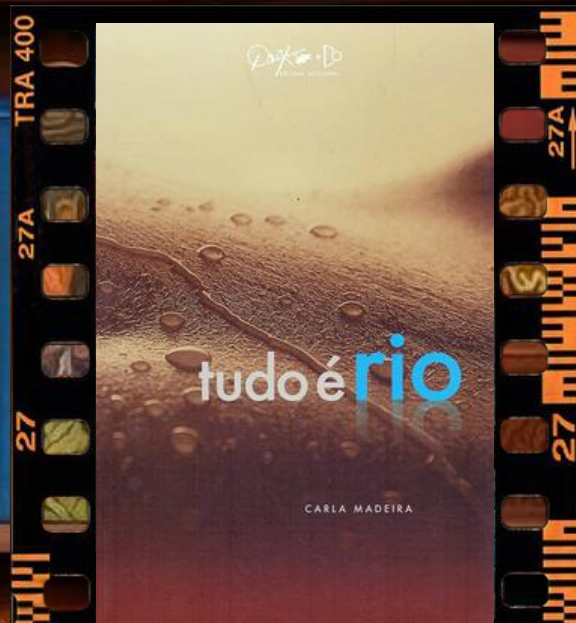
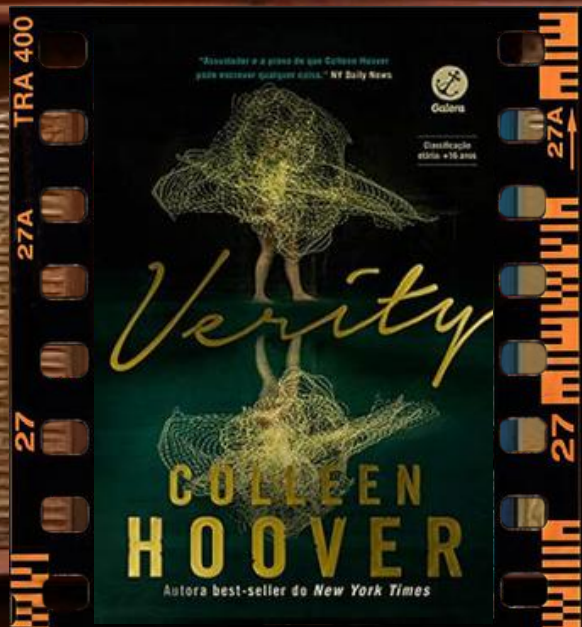
Editor Chefe

BEM-VINDOS À REVISTA POETURA.

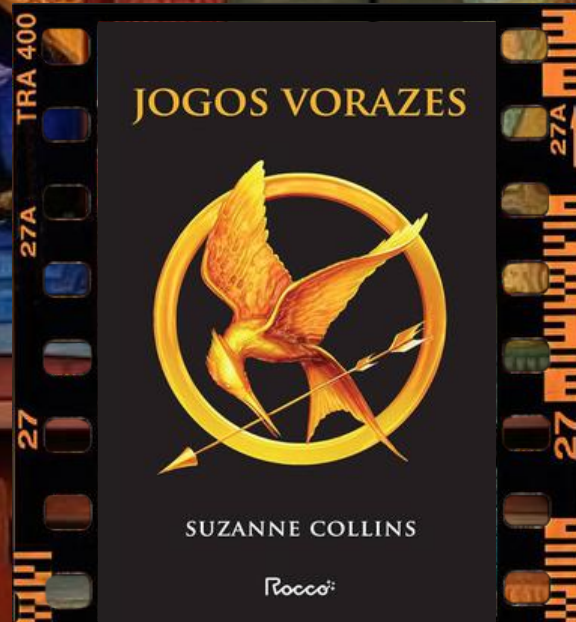
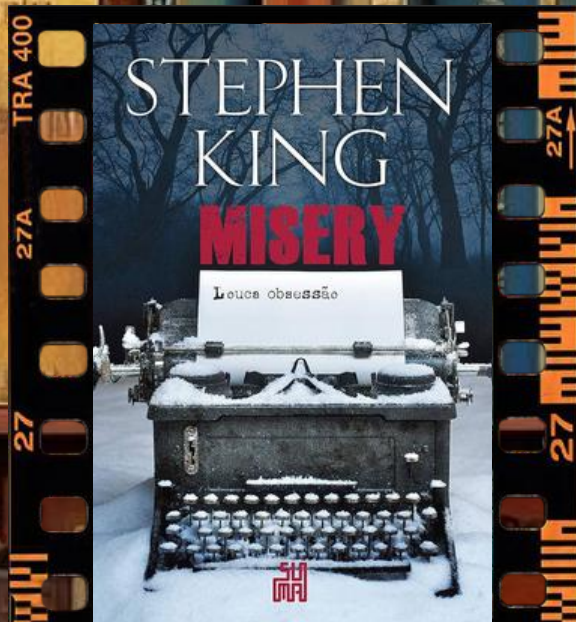
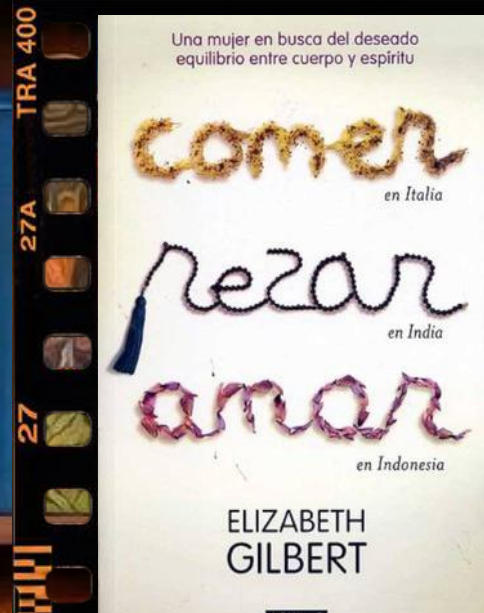
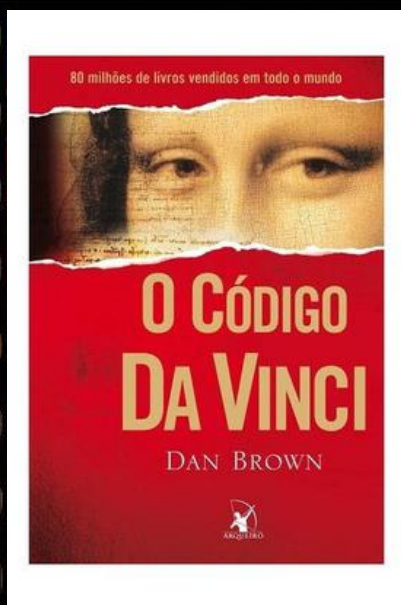
COM PAIXÃO PELAS PALAVRAS E ALEGRIA PELA LITERATURA

LUÍS ROXO

4 TOP LIVROS



4 TOP EBOOKS





POETURA

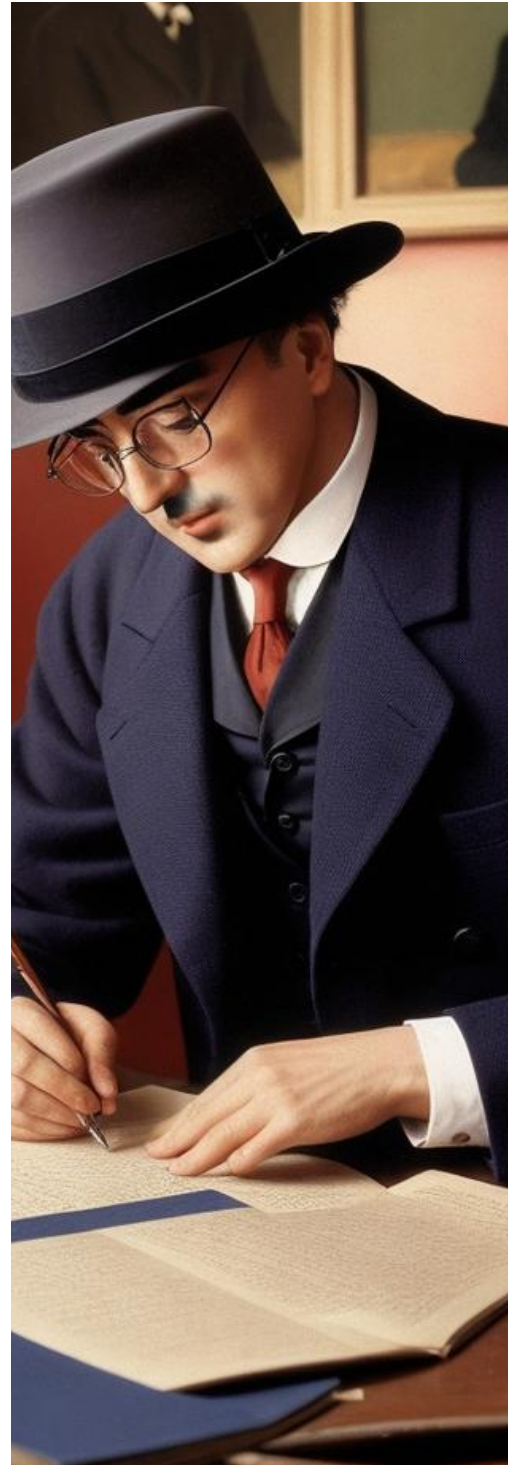
FERNANDO PESSOA
LIVRO DO
DESASSOSSEGO

Fernando Pessoa foi um dos mais proeminentes poetas e escritores da língua portuguesa do século XX. Nascido em Lisboa, Portugal, em 1888, ele é conhecido por sua vasta obra literária e pela criação de heterônimos, personagens literários com estilos e personalidades distintas.

Pessoa estudou na África do Sul durante a infância, onde desenvolveu proficiência na língua inglesa, que influenciou significativamente sua escrita. Ao retornar a Lisboa, trabalhou como escritor e jornalista, colaborando com várias publicações e desenvolvendo seu círculo literário.

Sua poesia é marcada pela profundidade, inovação e um olhar crítico sobre a condição humana. Além de seus próprios versos, Pessoa é conhecido por criar heterônimos notáveis, como Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, cada um com sua voz única e estilo literário distinto. Essa diversidade de vozes na obra de Pessoa é uma das características mais fascinantes de sua escrita.

Fernando Pessoa faleceu em 1935, deixando para trás uma contribuição literária extraordinária que continua a influenciar escritores e leitores até os dias de hoje. Sua obra é uma exploração profunda da identidade, da existência e da busca de significado na vida, tornando-o um dos mais importantes poetas de língua portuguesa da história.



FERNANDO PESSOA

LIVRO DO DESASSOSSEGO

CAPÍTULO 8 - POETURA

desconhecesse!... Cessar, passar fluido e ribeirinho, fluxo e refluxo de um mar vasto, em costas visíveis na noite em que verdadeiramente se dormisse!... Cessar, ser incógnito e externo, movimento de ramos em aléias afastadas, tênue cair de folhas, conhecido no som mais que na queda, mar alto fino dos repuxos ao longe, e todo o indefinido dos parques na noite, perdidos entre emaranhamentos contínuos, labirintos naturais da treva! .. Cessar, acabar finalmente, mas com uma sobrevivência translata, ser a página de um livro, a madeixa de um cabelo solto, o oscilar da trepadeira ao pé da janela entreaberta, os passos sem importância no cascalho fino da curva, o último fumo alto da aldeia que adormece, o esquecimento do chicote do carroceiro à beira matutina do caminho... O absurdo, a confusão, o apagamento — tudo que não fosse a vida...

E durmo, a meu modo, sem sono nem repouso, esta vida vegetativa da suposição, e sob as minhas pálpebras sem sossego paira, como a espuma quieta de um mar sujo, o reflexo longínquo dos candeeiros mudos da rua.

Durmo e desdurmo.

Do outro lado de mim, lá para trás de onde jazo, o silêncio da casa toca no infinito. Ouço cair o tempo, gota a gota, e nenhuma gota que cai se ouve cair. Oprime-me fisicamente o coração físico a memória, reduzida a nada, de tudo quanto foi ou fui. Sinto a cabeça materialmente colocada na almofada em que a tenho fazendo vale. A pele da fronha tem com a minha pele um contato de gente na sombra. A própria orelha, sobre a qual me encosto, grava-se-me matematicamente contra o cérebro. Pestanejo de cansaço, e as minhas pestanas fazem um som pequeníssimo, inaudível, na brancura sensível da almofada erguida. Respiro, suspirando, e a minha respiração acontece — não é minha. Sofro sem sentir nem pensar. O relógio da casa, lugar certo lá ao fundo das

coisas, soa a meia-hora seca e nula. Tudo é tanto, tudo tão fundo, tudo é tão negro e tão frio!

Passo tempos, passo silêncios, mundos sem forma passam por mim.

Subitamente, como uma criança do Mistério, um galo canta sem saber da noite. Posso dormir, porque é manhã em mim. E sinto a minha boca sorrir, deslocando levemente as pregas moles da fronha que me prende o rosto. Posso deixar-me à vida, posso dormir, posso ignorar-me... E, através do sono novo que me escurece, ou lembro o galo que cantou, ou é ele, deveras, que canta segunda vez.

Do terraço deste café olho tremulamente para a vida. Pouco vejo dela — a espalhada — nesta sua concentração neste largo nítido e meu. Um marasmo, como um começo de bebedeira, elucida-me a alma de coisas. Decorre fora de mim nos passos dos que passam [...] a vida evidente e unânime.

Nesta hora os sentidos estagnaram-me e tudo me parece outra coisa — as minhas sensações um erro confuso e lúcido, abro asas mas não me movo, como um condor suposto.

Homem de ideais que sou, quem sabe se a minha maior aspiração não é realmente não passar de ocupar este lugar a esta mesa deste café?

Tudo é vão, como mexer em cinzas, vago como o momento em que ainda não é antemanhã.

E a luz brota tão serenamente e perfeitamente nas coisas, doura-as tão de realidade sorridente e triste! Todo o mistério do mundo desce até ante meus olhos se esculpir em banalidade e rua.

Ah, como as coisas quotidianas roçam mistérios por nós! Como à superfície, que a luz toca, desta vida complexa



de humana [?], a Hora, sorriso incerto, sobe aos lábios do Mistério! Que moderno que tudo isto soa! E, no fundo tão antigo, tão oculto, tão tendo outro sentido que aquele que luz em tudo isto!

Tudo se me tornou insuportável, exceto a vida — o escritório, a casa, as ruas — o contrário até, se o tivesse — me sobrestava e oprime; só o conjunto me alivia. Sim, qualquer coisa de tudo isto é bastante para me consolar. Um raio de sol que entre eternamente no escritório morto; um pregão atirado que sobe rápido até à janela do meu quarto; a existência de gente; o haver clima e mudança de tempo, a espantosa objetividade do mundo...

O raio de sol entrou de repente para mim, que de repente o vi... Era, porém, um risco de luz muito agudo, quase sem cor a cortar à faca nua o chão negro e madeirente, a avivar a roda de onde passava, os pregos velhos e os sulcos entre as tábuas, negras pautas do não-branco.

Minutos seguidos segui o efeito insensível da penetração do sol no escritório quieto... Ocupações do cárcere! Só os enclausurados vêem assim o sol mover-se, como quem olha para formigas.

Nos primeiros dias do outono subitamente entrado, quando o escurecer toma uma evidência de qualquer coisa prematura, e parece que tardamos muito no que fazemos de dia, gozo, mesmo entre o trabalho quotidiano, esta antecipação de não trabalhar que a própria sombra traz consigo, por isso que é noite e a noite é sono, lares, livramento. Quando as luzes se acendem no escritório amplo que deixa



de ser escuro, e fazemos serão sem que cessássemos de trabalhar de dia, sinto um conforto absurdo como uma lembrança de outrem, e estou sossegado com o que escrevo como se estivesse lendo até sentir que irei dormir.

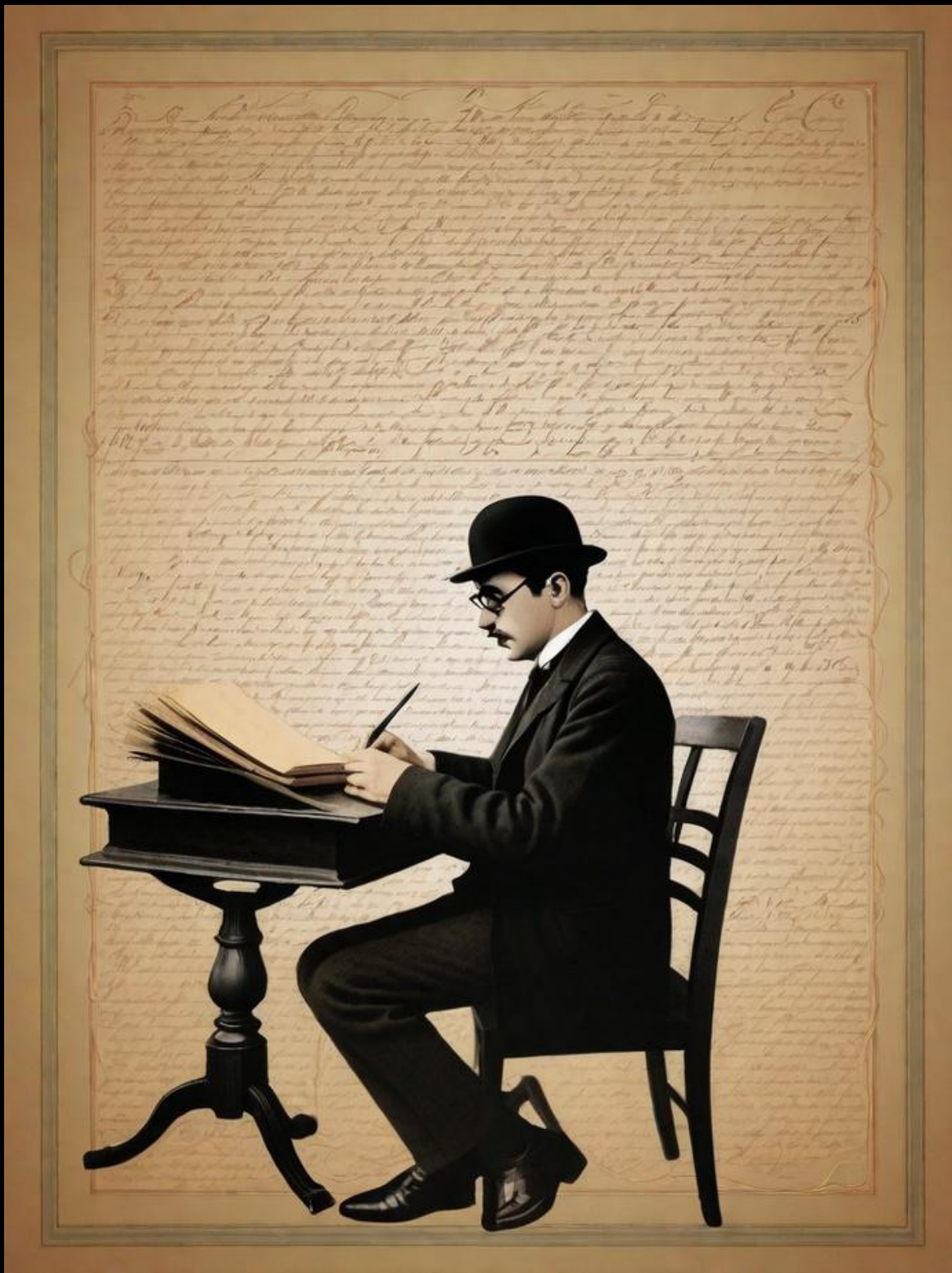
Somos todos escravos de circunstâncias externas: um dia de sol abre-nos campos largos no meio de um café de vieira; uma sombra no campo encolhe-nos para dentro, e abrigamo-nos mal na casa sem portas de nós mesmos; um chegar da noite, até entre coisas do dia, alarga, como um leque [que] se abra lento, a consciência íntima de dever-se repousar.

Mas com isso o trabalho não se atrasa: anima-se. Já não trabalhamos; recreamo-nos com o assunto a que estamos condenados. E, de repente, pela folha vasta e pautada do meu destino numerador, a casa velha das tias antigas alberga, fechada contra o mundo, o chá das dez horas sonolentas, e o candeeiro de petróleo da minha infância perdida brilhando somente sobre a mesa linho, obscurece-me, com a luz, a visão do Moreira, iluminado a uma eletricidade negra infinitos para além de mim. Trazem o chá — é a criada mais velha que as tias que o traz com os restos do sono e o mau humor paciente da ternura da velha vassalagem — e eu escrevo sem errar uma verba ou uma soma através de todo o meu passado morto. Reabsorvo-me, perco-me em mim, esqueço-me a noites longínquas, impolutas de dever e de mundo, virgens de mistério e de futuro.

E tão suave é a sensação que me alheia do débito e do crédito que, se acaso uma pergunta me é feita, respondo suavemente, como se tivesse o meu ser oco, como se não fosse mais que a máquina de escrever que trago comigo, portátil de mim mesmo aberto. Não me choca a interrupção dos meus sonhos: de tão suaves que são, continuo sonhando-os por trás de falar, escrever, responder, conversar até. E atra-

CONTINUA NA PRÓXIMA REVISTA POETURA





Há tanta suavidade em nada dizer e tudo entender...

ACÁCIO COSTA ALMADA-PORTUGAL



Ninguém é perfeito!

Suspenso nu, como o corpo se ajeita,
Repousa sereno o meu coração,
Talvez ébrio de tanta emoção,
Mais que pela vereda ser estreita.

Já de amor louco ele não se enfeita,
Correndo atrás de etérea paixão;
Descansar agora não é em vão
Sabendo a vida ser obra imperfeita.

E se de nada esteja arrependido
E de aqui estar sem ter esquecido
O que de amor tive e nunca ignorei;

Guarda-me pra sempre, tu, que és perfeita,
E que a vontade de Deus seja feita:
Morrer nos braços de quem sempre amei!

© Acácio Costa

ÂNGELO RODRIGUES LISBOA-PORTUGAL



DO PRINCÍPIO E DO FIM

Poesia,
Atualização,
Entrevista

ANGELO-RODRIGUES.WEBNODE.PT

Ângelo Rodrigues

Edições Colibri

Não nos apetece regressar à caverna do Platão.
A caverna está cada vez mais escura
e nenhuma fogueira até agora a tem conseguido
iluminar de forma aceitável.
Ainda é preferível manter os homens da caverna na ilusão.
A nossa nova casa é uma outra caverna
cheia de Luz e de aromas até agora desconhecidos.
Procuramos o Amor incondicional.
Procuramos um tesouro que nos esmague de espanto.
Procuramos também, no apuramento do olhar,
a inteligência do Todo,
e sofremos todos os dias com esse processo
incessante – e sempre incompleto – de busca.
Freud foi nosso amigo e deu-nos a Psicanálise;
com ela, romântica, “fofa”, tão ineficaz quanto inocente,
julgamos saber dos três lados de nós:
do Animal, do Homem e do Deus.
Faz parte da condição humana
o gostar que nos enganem.
O uni-Verso vai aparando e suavizando
os nossos comezinhos conflitos.
O uni-Verso sabe da extrema pobreza
da nossa inteligência,
e, exatamente por isso,
nos vem alertando para a necessidade
de se iniciar a aventura da estrada Sideral;
o caminho que devemos fazer.
Tão distraídos que temos andado.
Tão patéticos os nossos procedimentos,
que designamos de Arte, Ciência, Filosofia, Religião.
Apesar de tudo, vale mais ter alguma coisa
do que não ter coisa nenhuma.
Estamos e não estamos satisfeitos com o que temos.
Sabemos do Ser e não-somos como devíamos.
Estamos e não-estamos orientados
para o Belo, para o Bem,
para o Destino,
que é supremo, sublime, incondicional, e.

Os deuses ordenaram: vai.
Faz o caminho do poema até ao fim.

A. BARATA CICHETTO S.PAULO-PORTUGAL



A Ponte Bêbada
Barata Cichetto

E eu, bêbada ponte, uno uma a outra e a outra a uma
Margem do rio, córrego de esgoto coberto de espuma.
Restos de comida podre, pedaços de sofás, bichos mortos,
Trepadas da noite, porra e pedaços de corpos de abortos.

Ponte bêbada sobre o rio que barco agora não carrega,
Nem bêbado nem nada, rio que da morte se encarrega.
Concreto armado, vergalhões retorcidos ao vento imoral.
Minhas costas doem e ranjo de dor ao sabor do temporal.

Sobre mim carros egoístas, ônibus lotados de esperanças,
E taxis que carregam a dor dentro de corpos de crianças.
E eu apenas uma ponte bêbada, sábia, arrogante e triste,
Rígida feito o falo de ditador que ao tempo ainda resiste.

Lembraí-vos sim das flores, da montanha, do sol e do monte,
Mas lembraí-vos também de mim, bêbada e dolorida ponte,
Que esticada entre dois pontos é o consolo dos desesperados,
E o desespero dos bêbados, poetas e dos amantes esperados.

06/03/2013

JOSÉ MORENO LISBOA-PORTUGAL



Pensar no ódio e chamar por amor

I

O teu lado profundo, pintei-o de negro
E queimei-o na chama do meu ódio interior
Fechando-o no escuro da minha triste solidão
Onde guardo com desdém a eternidade do tempo

II

Mas a sua luz e o reflexo da sua sombra
Roda a minha volta e me prende pela metade
Sem me dizer se é o poente ou a nascente
Se me quer iluminar ou me quer escurecer

III

E na imagem da tela que pintei há o borrão
um negro que me enfurece em ciúmes de mel
no breu do meu pensamento e nada se vislumbra
nem a cara dela, os ciúmes ou as frustrações

IV

E agora, encontro-me só na luz da escuridão
Da minha alma sombria e vazia de paixão
Frente a um quadro que nada vale e pouco se vê
A espera de saber se o crime por amor merece perdão...

José Moreno

LUÍS ROXO COIMBRA-PORTUGAL



...enfim sós. Apenas envolvendo as mãos um nevoeiro, nas manhãs dos teus seios maduros. Nas manhãs de qualquer grito silencioso.

Havia sempre uma esperança de verde sentada à espera de uma mão. Havia sempre qualquer coisa, qualquer magia no ar.

Acordar em plena manhã e olhar a saliva nos passeios. Era sempre mais uma manhã, mais uma lágrima, na solidão da orla do silêncio. Memórias rasgadas, ventos perdidos através do tempo infindável.

Da janela: o mar, a nostalgia, o silêncio, a vida, o eco do meu grito, o meu choro como bagos de uva madura. As palavras são como são, numa fonologia perdida entre as ondas do mar, ora agitado, ora de olhar sereno. Uma ou várias crianças de mãos vazias, de mil passos e mil sonhos estendidos no céu. Já não sei há quantos dias ainda havia folhas secas e um leve vento de Outono habitando o Inverno. Porque o tempo caminhou entre as árvores, entre a terra faminta e parou de pensar onde se havia de encontrar.

Praia calada, a chuva ping, ping, no telhado do meu chapéu-de-chuva, as sombras desaparecendo nas paredes desbotadas dos prédios como calças de ganga. Sempre a espuma dos dias, nos dias que crescem com o Sol, no prolongamento da realidade nua e descalça. Rostos recortados nas calçadas e a praia deserta, calada no Inverno.

...não sei; não tenhas medo praia, de ficar deserta no Inverno, porque eu ficarei aqui abraçado a ti.

Houve tempo em que os sonhos afastaram a razão, houve tempo ainda, em que a razão e os sonhos andavam de mãos entrelaçadas...

(pausa)

...porque a vida é uma palavra: amarga, triste, alegre, doce, melancólica, silenciosa, amiga, eterna...uma palavra onde tudo pode acontecer.

Ficamos todos dentro da palavra, porque a ela ninguém poderá fugir.

- Feliz aquele que ama a palavra e a sabe dizer no silêncio.

Tudo teria um começo por aí no mundo mas nunca um fim. Os remos dos barcos pesqueiros abraçavam eternamente o mar, como uma mãe que abraça um filho ingrato. Terás talvez um dia de compreender que os olhos do mar cresceram, já não são aqueles olhos que ainda continuarás a ver no pensamento.

Breve pausa, breve recomeço sempre; sempre, sempre numa mala de viagem feita de lágrimas, de ilusões, de sonhos, de saudades e esperanças.

Solidão e outros dias...

MARCUS HERMELY ESPIRITO SANTO-BRASIL



Farol

Se pudesse juntar de um tudo,
Seria bem distante, ao fim do mundo,
Não um simples passeio,
Libertar silente, dar azo a meu anseio.

Guardo tudo num farol,
Luz que ilumina como o sol,
Salpicos de água salgada,
Como lágrimas sobre a amurada.

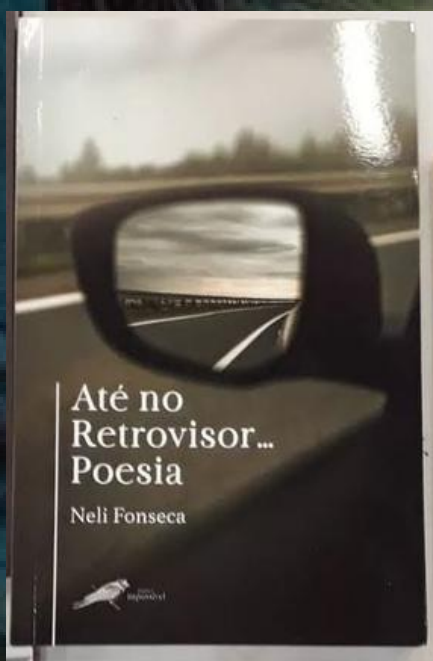
O farol não existe,
Seria talvez, motivo para deixar triste,
Não é de pedras por dentro feito,
Ou de cimento por fora refeito.

Lá não guardo sonhos,
Nem mesmo temores medonhos,
Lá não deposito flores à posteridade,
Apenas refugio-me da realidade.

O farol não é seu,
O farol é somente meu,
Não guarda mobílias abarrotadamente,
Pois o farol, só existe em minha mente.

Não é vazio, ainda que desabitado,
Apenas um refúgio, um gemido calado,
Uma figura onírica para amar,
Edificada em meio ao quebra-mar.

NELI FONSECA SANTA ROSA-BRASIL

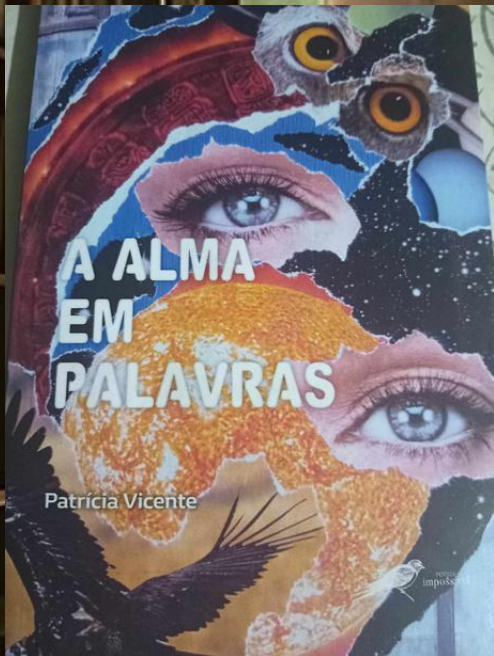


SÁBIA VIDA!

A vida me despenteia
Bagunça meu pensamento
Envolve-me em sua teia
Retrocedendo-me no tempo
Vira o baú da saudade
Espalha tudo pelo chão
Mistura tudo de verdade
Sem explicar a razão
Tento fechar a janela da alma
A ela pedindo calma
Mas não quer explicação
Oh! Vida bem baderneira
Desafia-me de igual pra igual
Usa sua arma certa
Numa fechada fatal
Mostra-me seu poder
Só para eu entender
Que é pra frente que ela vai
Que apesar da saudade que faz padecer
O passado não volta mais
Vida amada caprichosa
Tenho gratidão por me ensinar
Ver o quanto és maravilhosa
A cada dia ao me acordar.

NELI FONSECA

PATRICIA VICENTE TRANCOSO-PORTUGAL



Respondeste me, sem eu pedir:

" Como estás, amor sonhado? Estou a enfraquecer, mas sinto que estou a vencer. A vencer uma grande batalha, a baixar as armas e a render me às evidências. Os meus soldadinhos avisaram me que estou por um fio. Disseram me que desististe, também. Até te entendo. Encontro te em paz.

Eu sinto me assim, como tu. Não fôssemos nós um só. Não estás a desistir, estás a começar a viver, a ser tu. Não sentes necessidade de te curar, de passar por um processo doloroso, e, talvez, não vences no fim.

Dizes que a tua missão na Terra está completa. Se calhar, todos temos uma missão. Chega se a uma altura está terminada. O nosso amor está a morrer, está a amadurecer. Estamos, quase, a encontrar nos. Deixa te ir. Estou à tua espera. "

In, A alma em palavras

ASSINE A REVISTA POETURA

"SEJA PARTE DE UMA COMUNIDADE DE MENTES CRIATIVAS E APAIXONADAS - ASSINE AGORA A REVISTA POETURA E FAÇA PARTE DESSA JORNADA LITERÁRIA EMOCIONANTE!"

Novembro/Dezembro 2023 - ANO I - Number.01 Bimestral - PORTUGAL/LUSOFONIA

POETURA

ESCRITORES & POETAS
 Armando Beja - Fernando Fonseca
 Inaldo Moura - Patrícia Vicente
 Luís Roxo - Neli Fonseca
 Ângelo Rodrigues - Marcus Hemerly
 Barata Cichetto - Fortunata Fialho

ESPECIAL de Natal

FERNANDO PESSOA - CECÍLIA MEIRELES - JOSÉ SARAMAGO

REVISTA DE POETAS & ESCRITORES INDEPENDENTES

DEZEMBRO 2023 - ANO I - Number.02 MENSAL - PORTUGAL/LUSOFONIA

POETURA

ESCRITORES & POETAS
 Armando Beja - Fernando Fonseca
 Inaldo Moura - Patrícia Vicente
 Luís Roxo - Neli Fonseca
 Ângelo Rodrigues - Marcus Hemerly
 Barata Cichetto - Fortunata Fialho
 Miguel Teixeira - Magna Fontenelle
 Marcos A Cruz - Miguel Moreira
 Lu Galvão - Acácio Costa
 Renato Martins - Márcia Vieira Ávila
 Euclides Cavaco - Sheise Prezentini
 Lu Evans

ESPECIAL de Natal

FERNANDO PESSOA - CECÍLIA MEIRELES - JOSÉ SARAMAGO

REVISTA DE POETAS & ESCRITORES INDEPENDENTES

JANEIRO 2024 - ANO II - N.03 MENSAL - PORTUGAL - PAÍSES LUSÓFONOS

POETURA

ESCRITOR & POETA
 Magna Fontenelle
 Marcos A Cruz
 Lu Galvão
 Acácio Costa
 Renato Martins
 Euclides Cavaco
 Lu Evans
 Gabriella Oliveira
 Marília Belmo
 Vitorino de Sousa
 Antónia Cant
 José Moreira

10K OBRIGADO

ESCRITORES & POETAS
 Armando Beja
 Fernando Fonseca
 Inaldo Moura
 Patrícia Vicente
 Luís Roxo
 Neli Fonseca
 Ângelo Rodrigues
 Marcus Hemerly
 Fortunata Fialho

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM O POETA BARATA CICHETTO

FERNANDO PESSOA - CLARICE LISPECTOR - JULIO VERNE

REVISTA DE POETAS & ESCRITORES INDEPENDENTES

FEVEREIRO 2024 - ANO II - N.04 MENSAL - PORTUGAL - PAÍSES LUSÓFONOS

POETURA

ESCRITOR & POETA
 Miguel Teixeira
 Magna Fontenelle
 Lu Galvão
 Acácio Costa
 Renato Martins
 Euclides Cavaco
 Lu Evans
 Gabriella Oliveira
 Marília Belmo
 Vitorino de Sousa
 Antónia Cant
 José Moreira
 José Loureiro
 Carmen Ezequiel

20K OBRIGADO

ESCRITORES & POETAS
 Armando Beja
 Fernando Fonseca
 Inaldo Moura
 Patrícia Vicente
 Luís Roxo
 Neli Fonseca
 Ângelo Rodrigues
 Marcus Hemerly
 Fortunata Fialho

ENTREVISTA EXCLUSIVA LUCINDA LOUREIRO

FERNANDO PESSOA - NATÁLIA CORREIA - ISAAC ASHBY

REVISTA DE POETAS & ESCRITORES INDEPENDENTES

FEVEREIRO/MARÇO 2024 - ANO II - N.05 MENSAL - PORTUGAL - PAÍSES LUSÓFONOS

POETURA

ESCRITOR & POETA
 Miguel Teixeira
 Magna Fontenelle
 Lu Galvão
 Acácio Costa
 Renato Martins
 Euclides Cavaco
 Gabriella Oliveira
 Marília Belmo
 Vitorino de Sousa
 Antónia Cant
 José Moreira
 José Loureiro
 Carmen Ezequiel
 Flávia Regina Ara

Edição Especial

ESCRITORES & POETAS
 Armando Beja
 Fernando Fonseca
 Inaldo Moura
 Patrícia Vicente
 Luís Roxo
 Neli Fonseca
 Ângelo Rodrigues
 Marcus Hemerly
 Fortunata Fialho

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS MANUEL CARDOSO TERESA BARRANHA

FERNANDO PESSOA - A LOBO ANTUNES

REVISTA DE POETAS & ESCRITORES INDEPENDENTES

MARÇO 2024 - ANO II - N.06 MENSAL - PORTUGAL - PAÍSES LUSÓFONOS

POETURA

ESCRITORES & POETAS
 Miguel Teixeira
 Magna Fontenelle
 Lu Galvão
 Acácio Costa
 Renato Martins
 Euclides Cavaco
 Gabriella Oliveira
 Marília Belmo
 Vitorino de Sousa
 Antónia Cant
 José Moreira
 José Loureiro
 Carmen Ezequiel
 Flávia Regina Ara
 Lasana Luk
 Barata Cichetto
 Celinha Carva
 Francisco J. Espírito
 Iraneima Len

25K OBRIGADO

ESCRITORES & POETAS
 Armando Beja
 Fernando Fonseca
 Inaldo Moura
 Patrícia Vicente
 Luís Roxo
 Neli Fonseca
 Ângelo Rodrigues
 Marcus Hemerly
 Fortunata Fialho
 Inês Ferreira
 Iju Cruz
 Neco Bento
 Marcela Terra
 Tiago Alves
 Imara Melo

ENTREVISTA EXCLUSIVA DIAS CAMPOS

FERNANDO PESSOA - JIM MORRISON

REVISTA DE POETAS & ESCRITORES INDEPENDENTE

ASSINE A REVISTA POETURA

"EXPLORE OS CORAÇÕES E MENTES DOS MAIORES POETAS E ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS COM A REVISTA POETURA - CADA PÁGINA UMA JORNADA POÉTICA INESQUECÍVEL!"



POETURA Revista de Poetas & Escritores





Nascida da experiência literária de seus criadores, os poetas e escritores Luís Roxo e Barata Cichetto, a Editora Poetura chega vocacionada à publicação especialmente de livros de poesia, mas logicamente abrangendo outros gêneros literários, como contos, crônicas, ensaios, etc..

Roxo e Cichetto, também artistas multitarefa, juntaram suas forças compartilhando suas vastas experiências na área editorial,, inclusive dentro da própria UICLAP.

**POETURA
AGORA É
EDITORIA!**

Todos os nossos lançamentos darão oportunidade particularmente a escritores iniciantes ou sem vínculo com editoras tradicionais, embora possamos atender a outros nichos, como autores com obras em domínio público e coletâneas literárias.

Além da edição e publicação através de plataformas, também prestamos outros serviços editoriais, tais como:

- REVISÃO,
- DIAGRAMAÇÃO,
- ARTE DE CAPA,
- SITES PARA ESCRITORES,
- VIDEOPOEMAS,
- EBOOKS TRAILERS.

**OFERECEMOS TAMBÉM CURSOS
COMO O DE ESCRITA CRIATIVA.**

ENTRE EM CONTATO CONOSCO
editorapoetura@gmail.com

Editora Poetura: seu porto seguro de literatura.

ANTÓNIO LOBO ANTUNES



E QUE TAL COMEÇARMOS A
LER ESCRITORES
E POETAS A SÉRIO?

DESTAQUE LIVRO

José Cardoso Pires

*De Profundis,
Valsa Lenta*

Prefácio de João
Lobo Antunes

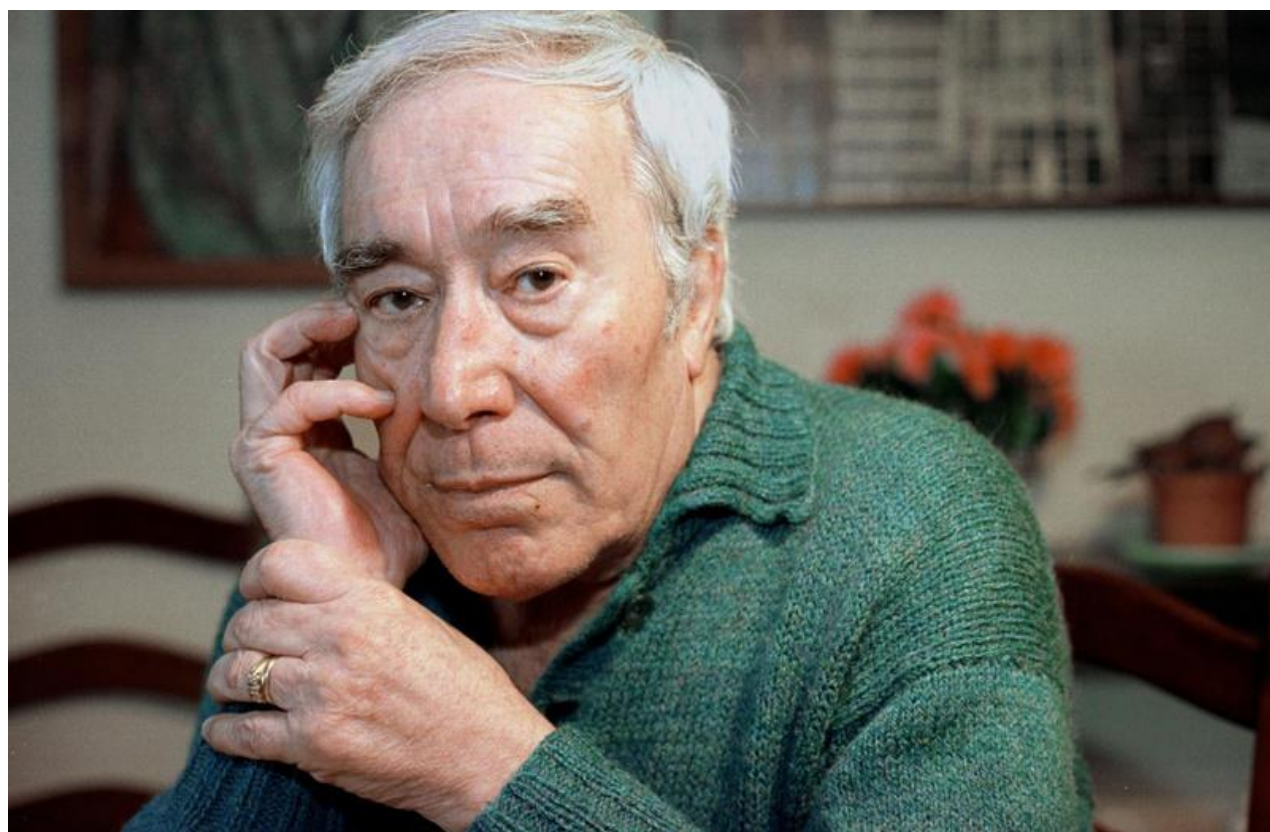
Relógio D'Água



DESTAQUE LIVRO

ESCRITOR PORTUGUÊS, JOSÉ AUGUSTO NEVES CARDOSO PIRES NASCEU A 2 DE OUTUBRO DE 1925, NO CONCELHO DE VILA DE REI, EM CASTELO BRANCO. FILHO DE UM OFICIAL DA MARINHA, AINDA CRIANÇA MUDA-SE COM OS PAIS PARA LISBOA, CIDADE QUE ABRAÇOU E AMOU.

O LIVRO É A NARRATIVA DE UM ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL SOFRIDO PELO PRÓPRIO AUTOR. JOSÉ CARDOSO PIRES DEMONSTRA ASSIM SER CAPAZ DE SE MANTER ESCRITOR ATÉ NOS MOMENTOS MAIS DIFÍCEIS DA VIDA.



POETURA ENTREVISTA EXCLUSIVA ANTÓNIO MANUAL RIBEIRO



POR: LUÍS ROXO

Início da Carreira:

Como começou a sua jornada na música e na escrita? Havia algum evento específico que o inspirou a seguir esse caminho?

- Olho em retrospectiva e não encontro um clique bem definido. Acho que foi acontecendo. Comecei a tocar um instrumento muito tarde; nas aulas de Canto Coral do liceu estava no grupo dos desafinados, por gozo, acrescentando-se. Penso que a escrita, a poética, aparece primeiro e só depois vem a canção, muito depois, mas nunca pensei vir a ser músico, subir a um palco e ter uma carreira. Havia, na família, outros planos, e por isso, quando deixei o liceu, ingressei na faculdade de Direito e mais tarde na de Letras.

Influências e Estilo:

Quais são as suas principais influências musicais e literárias? Como essas influências moldaram o seu estilo como compositor e escritor?

- Hoje posso dizer que a minha inspiração foi sendo apanhada pelo caminho: o rock mexeu comigo, a palavra em português para me revelar e expressar a minha visão do mundo, mas no início tudo o que me emocionava era factor de inspiração. Por exemplo, as longas canções dos Doors, o ritmo selvagem dos Rolling Stones, o encanto melódico do José Afonso e o Chico Buarque, o meu preferido no Brasil. Na literatura o grande Eça de Queirós, António Lobo Antunes, Fernando Pessoa.



UHF e o Rock em Portugal:

Como foi formar a banda UHF e como você descreveria a evolução da cena de rock em Portugal ao longo dos anos?

- O início foi muito difícil, era tudo muito caro e nem havia instrumentos de qualidade – em 1978 estávamos sob a primeira intervenção externa para ajudar Portugal a sair da proximidade da bancarrota. Por vezes, nem cordas havia para as guitarras.

Com o sucesso da canção Cavalos de Corrida (1980), disparou a procura de novos artistas pelas editoras discográficas – ‘estava a dar’. Apareceram muitos grupos, mas poucos ficaram, o público não se deixou enganar e houve uma selecção natural. Nós éramos um produto original, tínhamos feito o caminho a pulso; as editoras acharam que podiam engrossar o filão, mas foram muitos tiros de pólvora seca. Não foram as editoras que inventaram o sucesso do rock português: foram as canções que o público elegeu e a sua continuidade criativa.

Composição e Processo Criativo:

Pode nos contar um pouco sobre o seu processo criativo ao compor letras e músicas? Algum tema específico ou fonte de inspiração que frequentemente o influencia?

- Diria que a desordem do meu trabalho está muito bem organizada com os impulsos do dia-a-dia e a emoção de viver. Posso estar meses sem escrever ou compor e depois, numa semana, nascem meia dúzia de canções, de poemas. A minha fonte de inspiração é a visão atenta deste mundo, o próximo e o distante, no fundo ser um trovador.



Livros e Poesia:

Além da música, você é também um escritor prolífico. Como concilia a escrita de livros e poesia com a sua carreira musical? Existe uma interação entre essas duas formas de expressão para você?

- Diria que os livros perdem para a música, por causa dos ensaios de preparação, as gravações e os concertos. Tenho há mais de um ano três livros quase prontos – quase, porque me falta mais uma revisão, falta sempre – e não disponho do tempo para me fechar numa bolha na companhia do jazz sem palavras par terminar um livro.

Momentos Significativos:

Ao longo da sua carreira, quais foram os momentos mais significativos ou memoráveis que o marcaram como músico e compositor?

- Vivi tantos momentos nesta viagem de 45 anos que me é difícil escolher um ou dois. Mas o primeiro momento muito significativo e gratificante terá sido a entrega do primeiro disco de prata (30.000 mil exemplares) pelas vendas do single Cavalos de Corrida, em Fevereiro de 1981. Fomos os primeiros.

Estes galardões eram atributo apenas do fado e da canção ligeira. A música jovem, o rock português, ganhou com estes tipo de galardões espaço e respeito na indústria discográfica portuguesa.

Depois deste primeiro sucesso, a canção Rua do Carmo confirmou a todos, nós incluídos, que o sucesso da canção Cavalos de Corrida não era um acaso, uma flor no deserto. Era a primeira sementeira do jardim de canções dos UHF.

Poesia no Rock:

Sendo considerado um dos melhores poetas-rock em Portugal, como você vê a relação entre poesia e rock? Qual a importância da poesia nas suas letras e na música em geral?

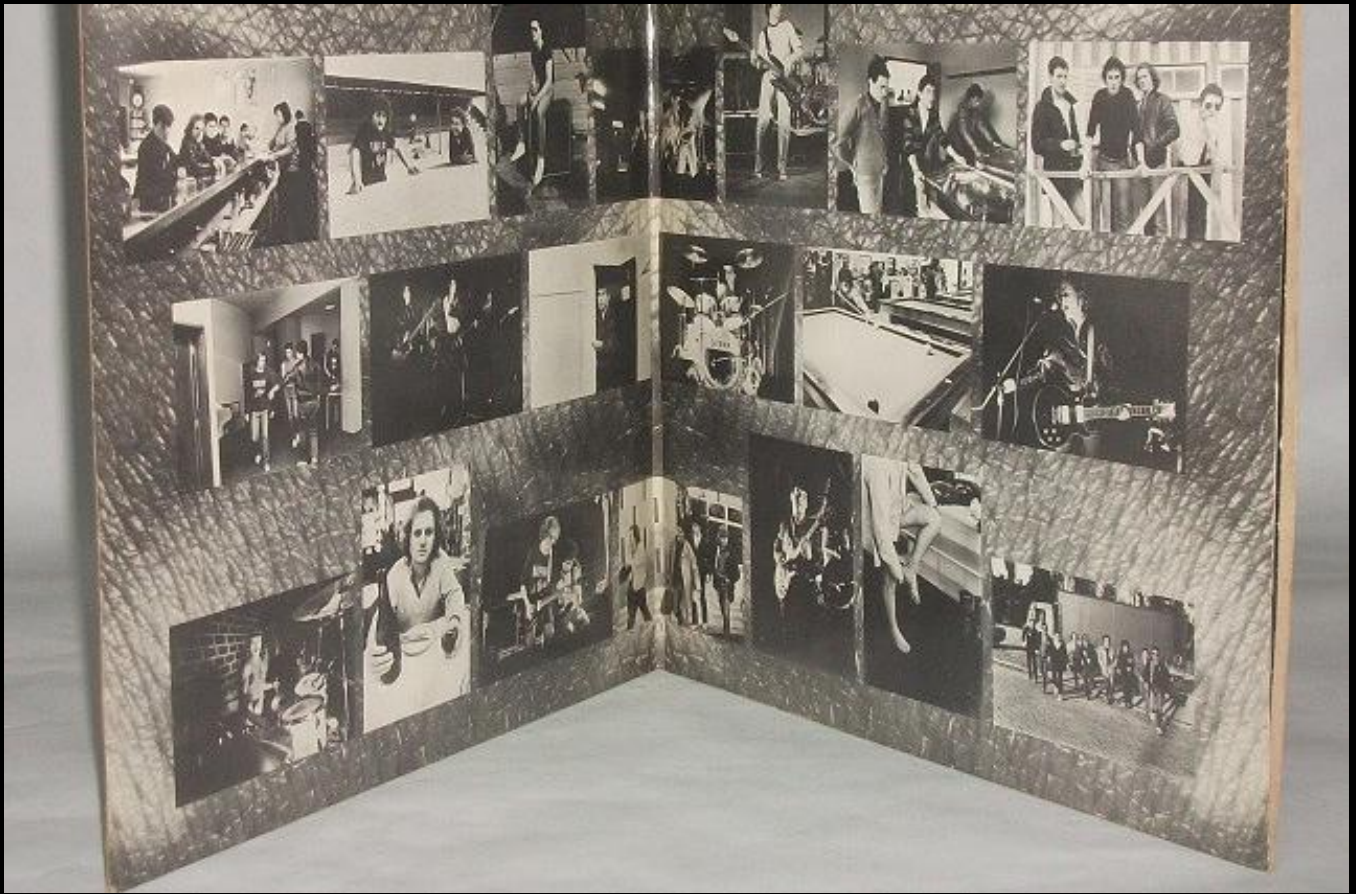
- O rock, em termos sociológicos, nasce nas periferias das grandes sociedades industriais britânicas e americanas no final dos anos '50 do século passado. É onde vivem as famílias dos trabalhadores manuais e a pequena burguesia, e serão os filhos destes que irão assumir a inquietação e provocação do rock, começando por imitar a música negra, os blues e o rythm & blues - foi o que fizeram os Beatles ou os Rolling Stones no início, entre tantos outros. Com algumas exceções - Peter Hammill (GB) ou Paul Simon (EUA) -, mal se escrevia poesia. As 'letras' das canções eram isso mesmo, uma soma de letras e rimas. Era urgente e era rápido, a atitude e a extravagância contava muito.

Por aqui, por mim, com a tradição poética que estudei e aprendi, houve e há o cuidado, todo o cuidado, de trazer um sentido às palavras que entram numa canção. É fundamental pôr as pessoas a pensar, tocar-lhes. O inverso de algum facilitismo com rimaço que hoje preenche alguma música contemporânea.

Evolução Tecnológica na Música:

Como a evolução tecnológica, especialmente na produção musical, afetou a sua abordagem à criação de música ao longo dos anos?

- Não, adaptámo-nos, foi estranho a princípio, mas como estamos com regularidade em estúdio fomos aprendendo e aproveitando a eficácia que a era digital nos fornece.



Projetos Futuros:

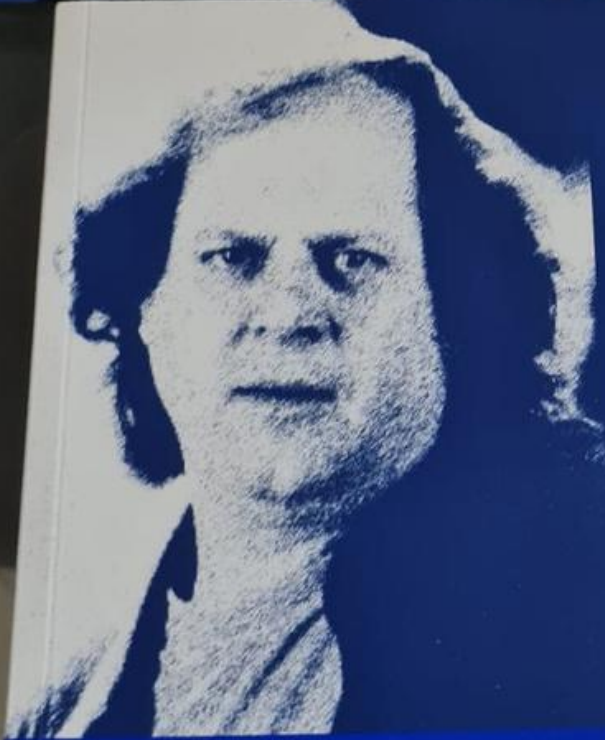
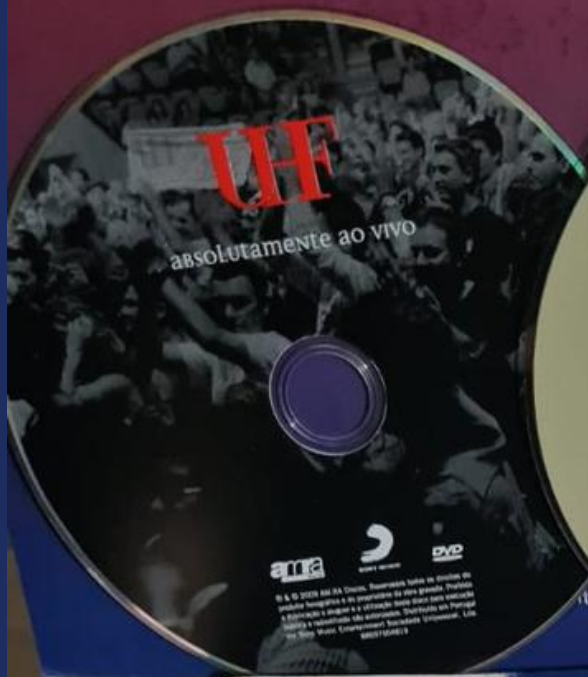
Quais são os seus projetos futuros, tanto na música quanto na escrita? Existe algo novo que seus fãs podem esperar?

- Lançámos o disco Novas Canções de Bem Dizer em Outubro e já estamos de regresso ao estúdio, mas disso não vou falar, é um mistério e será uma surpresa. Estamos em digressão, o que significa para mim tempos mortos em hotéis para ler (sempre) e rever os meus manuscritos.

Conselhos para Jovens Artistas:

Para jovens músicos e escritores que estão começando suas carreiras, qual conselho que você daria com base na sua experiência?

-Como alguém nos ensinou, só no dicionário é que a palavra 'sucesso' vem antes da palavra 'trabalho'. Por isso, em qualquer actividade é preciso trabalho, repetir e repetir sem desistir à primeira (ou à centésima) contrariedade. Se a vontade vem de dentro, e não é factor mimético do 'que está a dar', vão chegar lá.



António Manuel Ribeiro

*Se o amor fosse azul
que fariamos nós da noite?*





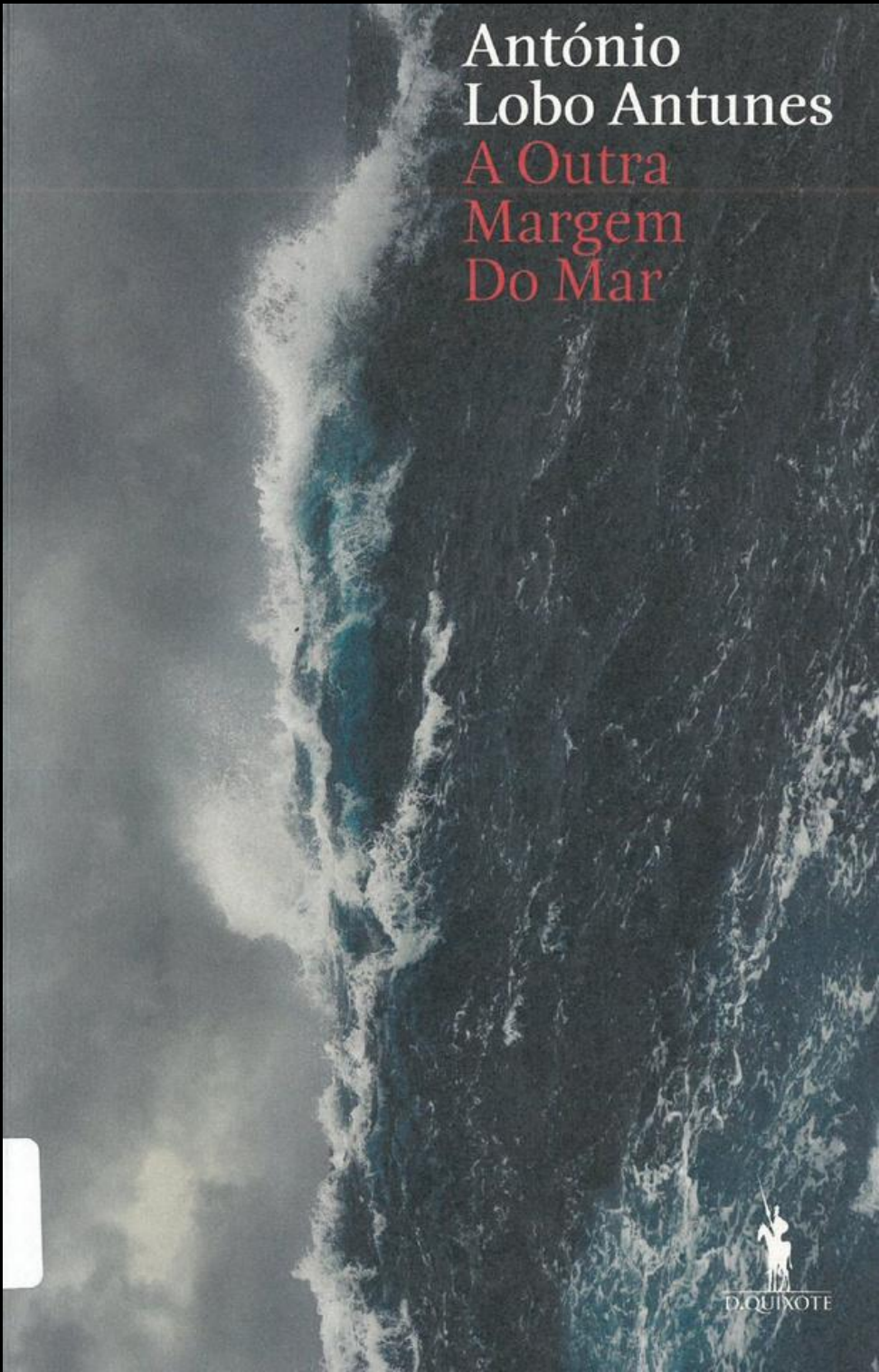
A. LOBO ANTUNES

António Lobo Antunes nasceu na Freguesia de Benfica, Concelho de Lisboa, a 1 de Setembro de 1942, no seio de uma família da alta burguesia. Seu pai, João Alfredo Lobo Antunes, foi um destacado neurologista português, assistente de Egas Moniz e professor de Medicina. Seu trisavô foi o 1.º Visconde de Nazaré. É irmão de João Lobo Antunes (Lisboa, 4 de junho de 1944 – Lisboa, 27 de outubro de 2016), neurocirurgião português e ex-membro do Conselho de Estado, Nuno Lobo Antunes (Lisboa, 10 de Maio de 1954), neuropediatra, Miguel Lobo Antunes, programador cultural, Manuel Lobo Antunes (Lisboa, 27 de Junho de 1958), jurista e diplomata português atual embaixador no Reino Unido, e Pedro Lobo Antunes, arquitecto e membro da assembleia municipal de Torres Novas.

Estudou no Liceu Camões em Lisboa e licenciou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

Após a conclusão do curso foi destacado como médico militar durante a guerra colonial entre 1971 e 1973 no leste de Angola, em Lumbala Guimbo e no Chiume, e mais tarde em Malange. As cartas que trocou com a sua primeira mulher Maria José Lobo Antunes durante esse período, quando esta se encontrava grávida da sua primeira filha foram posteriormente reunidas em «D'este viver aqui neste papel descripto» pelas suas filhas Maria José Lobo Antunes e Joana Lobo Antunes, que veio a originar um filme (Cartas da Guerra) realizado por Ivo Ferreira.

A Outra Margem do Mar recupera o início da sublevação na Baixa do Cassanje, em Angola. O romance recai, assim, nos incidentes ocorridos antes da guerra colonial, quando grandes plantações de algodão começaram a ser incendiadas, acontecimentos que foram fulcrais para o desenrolar do conflito.



António
Lobo Antunes
A Outra
Margem
Do Mar

A melhor maneira de lidar com os outros é tomá-los por aquilo que eles acham que são e deixá-los em paz.



JOSÉ GOMES FERREIRA



Nascimento

9 de junho de 1900

Porto, Portugal

Morte

8 de fevereiro de 1985 (84 anos)

Lisboa, Portugal

Nacionalidade

Português

Ocupação

Escritor e poeta

Prémios

**Antiga, Nobilíssima e Esclarecida Ordem Militar de Sant'Iago da
Espada, do Mérito Científico, Literário e Artístico • Ordem da**

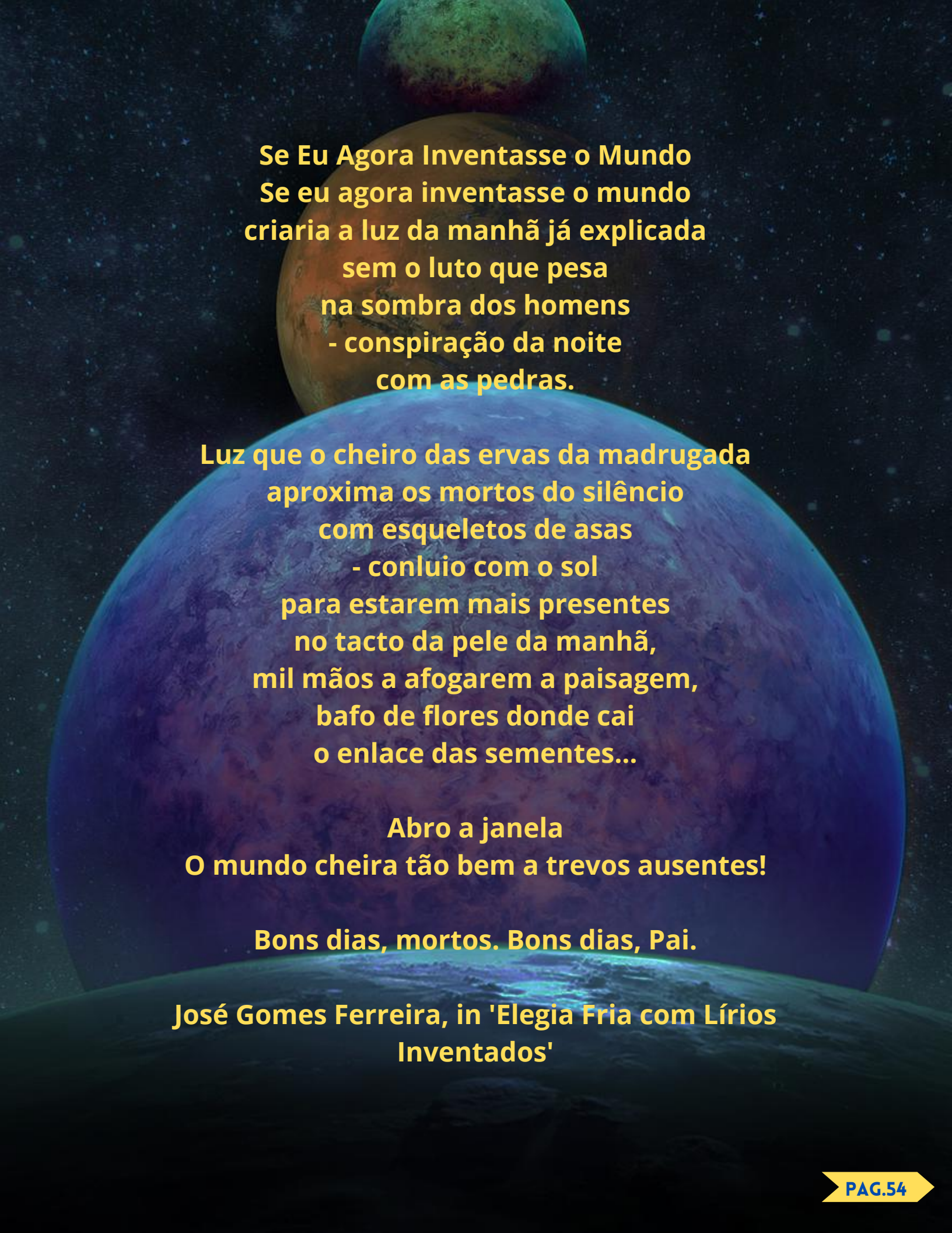
Liberdade

Magnum opus

Intervenção Sonâmbula

Movimento estético

Neorrealismo, Romantismo social



**Se Eu Agora Inventasse o Mundo
Se eu agora inventasse o mundo
criaria a luz da manhã já explicada
sem o luto que pesa
na sombra dos homens
- conspiração da noite
com as pedras.**

**Luz que o cheiro das ervas da madrugada
aproxima os mortos do silêncio
com esqueletos de asas
- conluio com o sol
para estarem mais presentes
no tacto da pele da manhã,
mil mãos a afogarem a paisagem,
bafo de flores donde cai
o enlace das sementes...**

**Abro a janela
O mundo cheira tão bem a trevos ausentes!**

Bons dias, mortos. Bons dias, Pai.

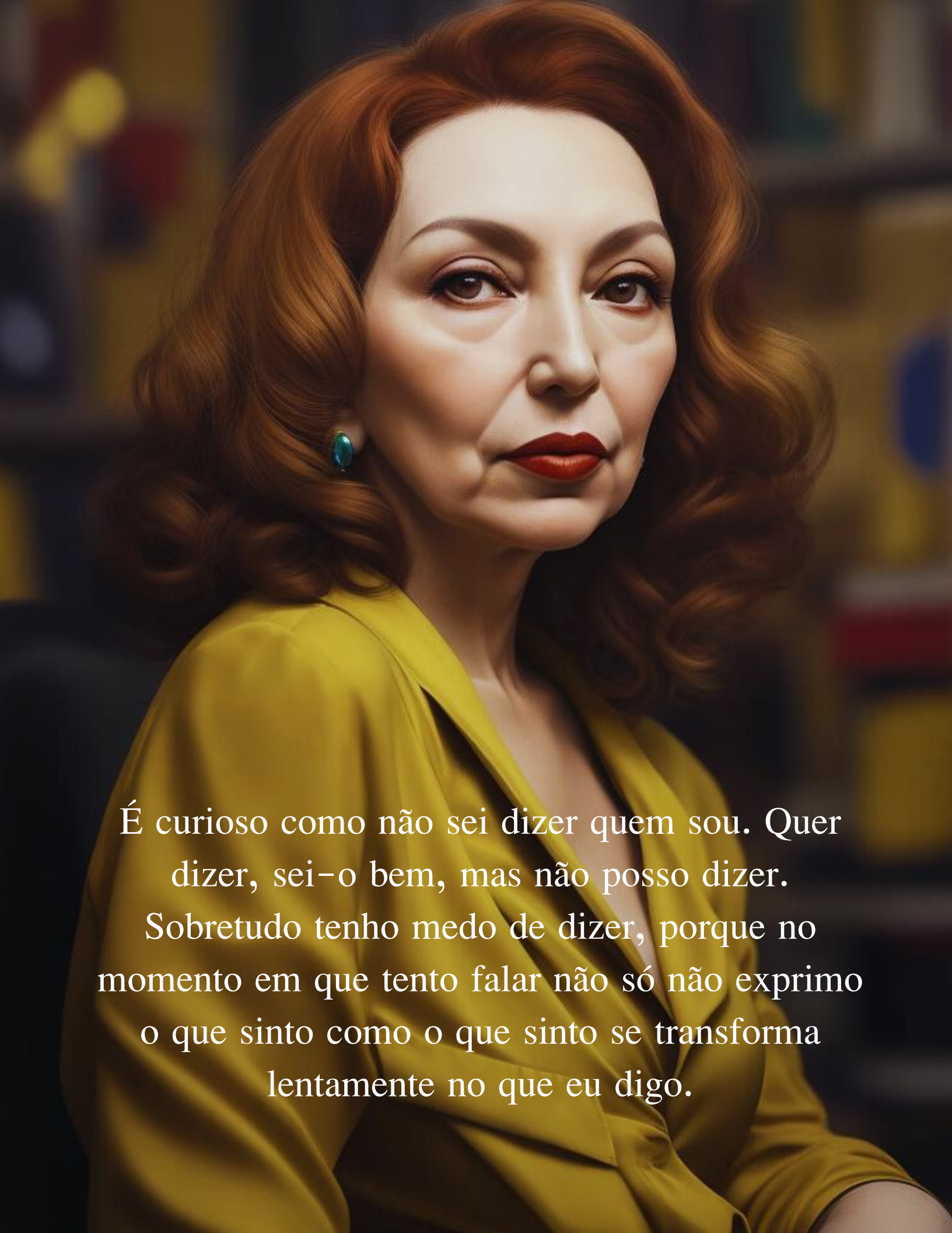
**José Gomes Ferreira, in 'Elegia Fria com Lírios
Inventados'**



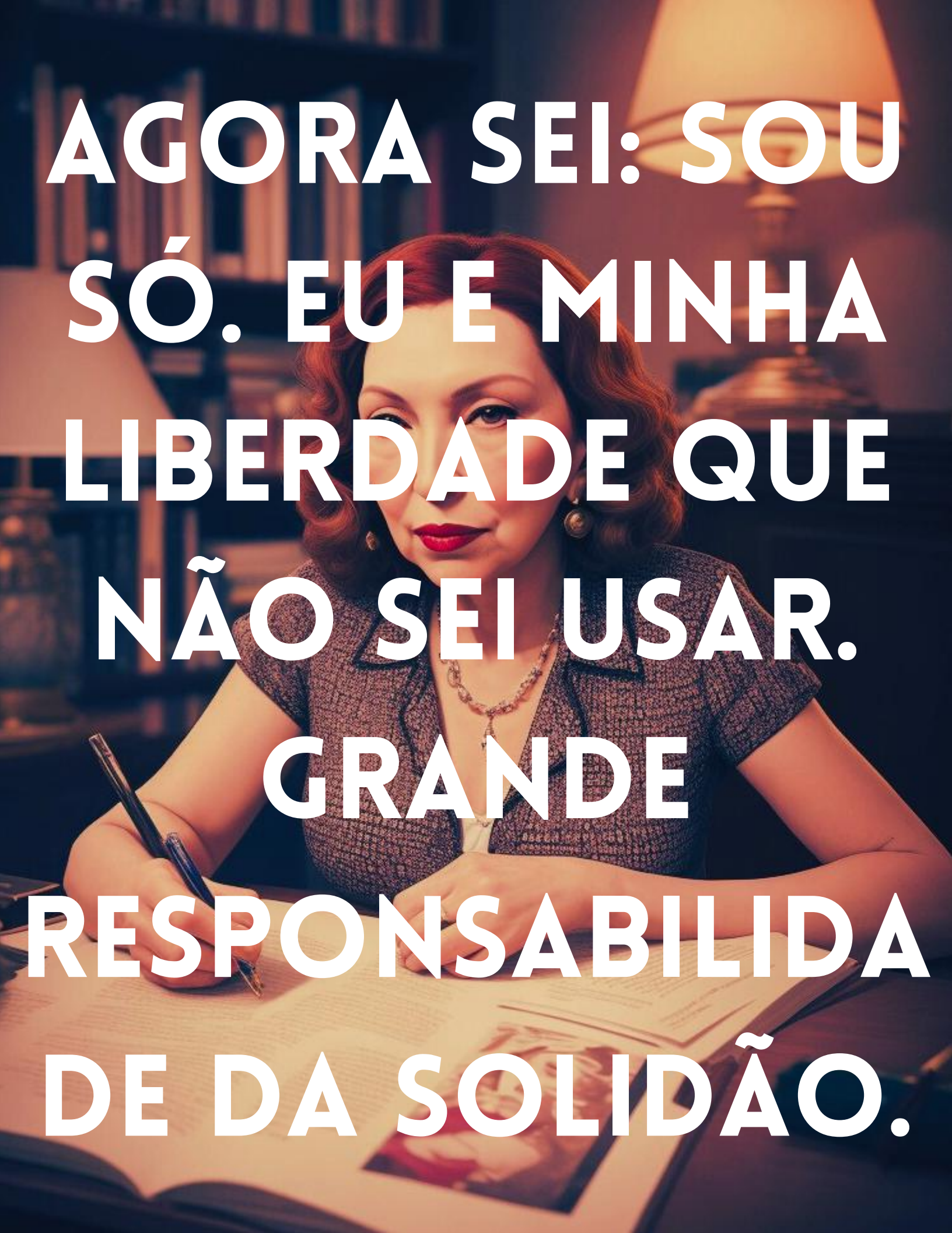
CLARICE LISPECTOR



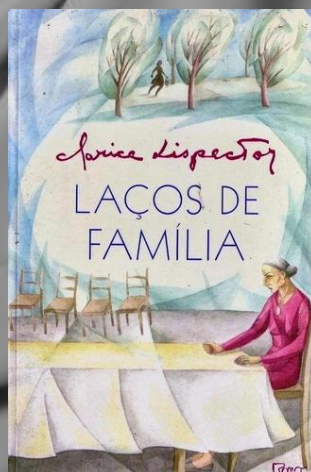
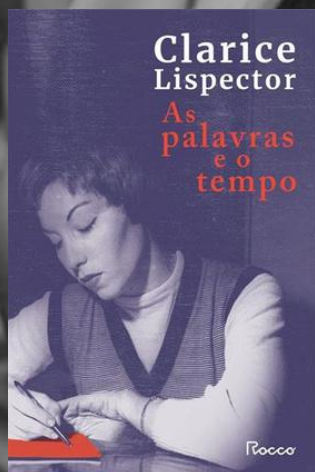
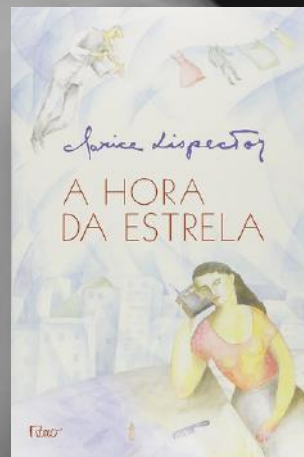
Sou uma só.
(...) Sou
um ser. E
deixo que
você seja.
Isso lhe
assusta?
Creio que
sim. Mas
vale a pena.
Mesmo que
doa. Dói só
no começo



É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer, porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo.

A woman with red hair is sitting at a desk in a library, writing in a notebook. She is wearing a grey textured top and a necklace. The background shows bookshelves and a lamp. The text is overlaid on the image in large white letters.

**AGORA SEI: SOU
SÓ. EU E MINHA
LIBERDADE QUE
NÃO SEI USAR.
GRANDE
RESPONSABILIDA
DE DA SOLIDÃO.**





COMO PARTICIPAR NA REVISTA POETURA?

DESCUBRA SEU LUGAR NO MUNDO DAS PALAVRAS. JUNTE-SE A NÓS NA REVISTA POETURA, ONDE CADA PÁGINA É UM CONVITE À CELEBRAÇÃO DA POESIA E DA ESCRITA. SE VOCÊ É UM POETA OU ESCRITOR OU AMA LER APAIXONADAMENTE, SUA VOZ TEM UM LAR AQUI.

A REVISTA POETURA É UM ESPAÇO DEDICADO À CELEBRAÇÃO DA POESIA E DA ESCRITA. SE VOCÊ É UM POETA OU ESCRITOR APAIXONADO E DESEJA COMPARTILHAR SUA VOZ COM O MUNDO, TEMOS O PRAZER DE CONVIDÁ-LO A PARTICIPAR EM NOSSA REVISTA.

MUSICTVOCEANO@GMAIL.COM



Do autor de MAR DE AMOR

Luis Rôxo

Solidão
e outros dias

Existe uma só verdade? Existe uma só realidade?

POETURA

POETURA



LUIS ROXO



CURSO DE ESCRITA CRIATIVA POETURA

Quer Publicar Seu Livro? O Escritor Luís Roxo o Acompanha Online Desde a Escrita Criativa até a Publicação do Seu Livro

Se você tem o sonho de ver seu livro publicado, não precisa trilhar esse caminho sozinho. O escritor Luís Roxo está aqui para guiá-lo desde o primeiro rascunho até o momento emocionante da publicação. Com um compromisso com a escrita criativa e a jornada do autor, Luís Roxo oferece orientação personalizada em todas as etapas do processo.

Você não precisa se preocupar com a solidão da escrita, as dúvidas sobre estrutura, estilo ou como encontrar uma editora. Luís Roxo oferece suporte online para que você aprimore sua escrita, explore a criatividade e transforme seu manuscrito em uma obra-prima.

Além disso, ele o orienta em todo o processo de publicação, seja por meio de editoras tradicionais, publicação independente ou no mundo digital. Luís Roxo compartilha suas experiências e conhecimento, ajudando você a navegar pelas complexidades do mercado literário.

Então, se seu livro é uma ideia que está começando a ganhar forma ou se você já concluiu o manuscrito e deseja vê-lo ganhar vida, conte com a orientação e o apoio do escritor Luís Roxo. Transforme seu sonho de publicação em realidade e leve sua história ao mundo. Juntos, podemos tornar seu livro uma realidade."

musictvocano@gmail.com



MONTRA DE LIVROS

N SANDOE BOOKS



MONTRA DE LIVROS



DO PRINCIPIO E DO FIM

Poemas, Alfarrabos, Entrevistas

ANGELO-RODRIGUES.WEBNODE.PT

Ângelo Rodrigues

Edições Colibri

MONTRA DE LIVROS



A ALMA
EM
PALAVRAS

Patrícia Vicente

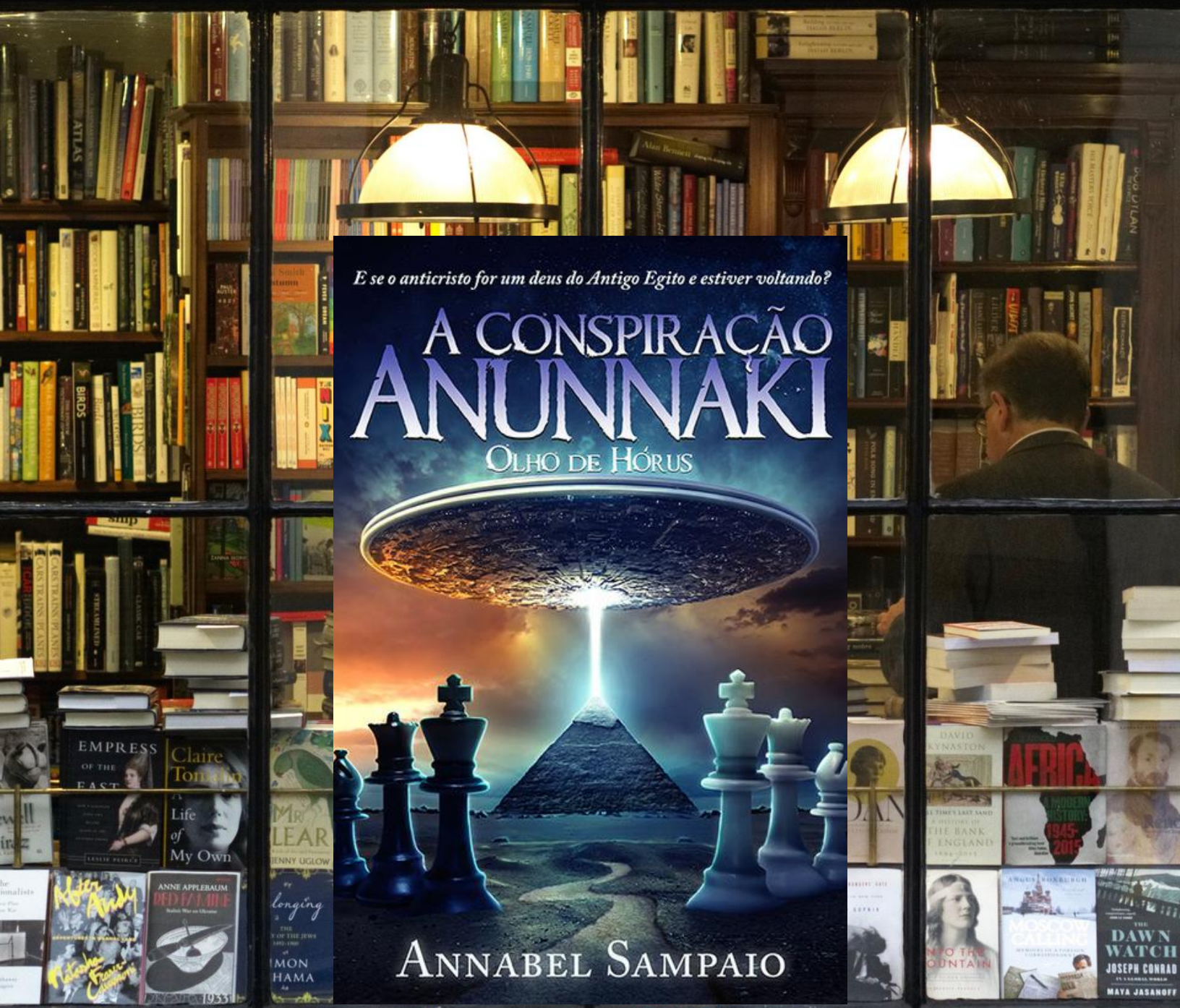


ENCONTRO SEGRETO DE FERNANDO PESSOA E ALEISTER CROWLEY



QUADRILHOS POETURA BY LUIS ROXO

N SANDOE BOOKS



E se o anticristo for um deus do Antigo Egito e estiver voltando?

A CONSPIRAÇÃO ANUNNAKI OLHO DE HÓRUS



ANNABEL SAMPAIO

MONTRA DE LIVROS

N SANDOE BOOKS



ANUÁRIO DE POESIA E LITERÁRIO
DOS PAÍSES LUSÓFONOS

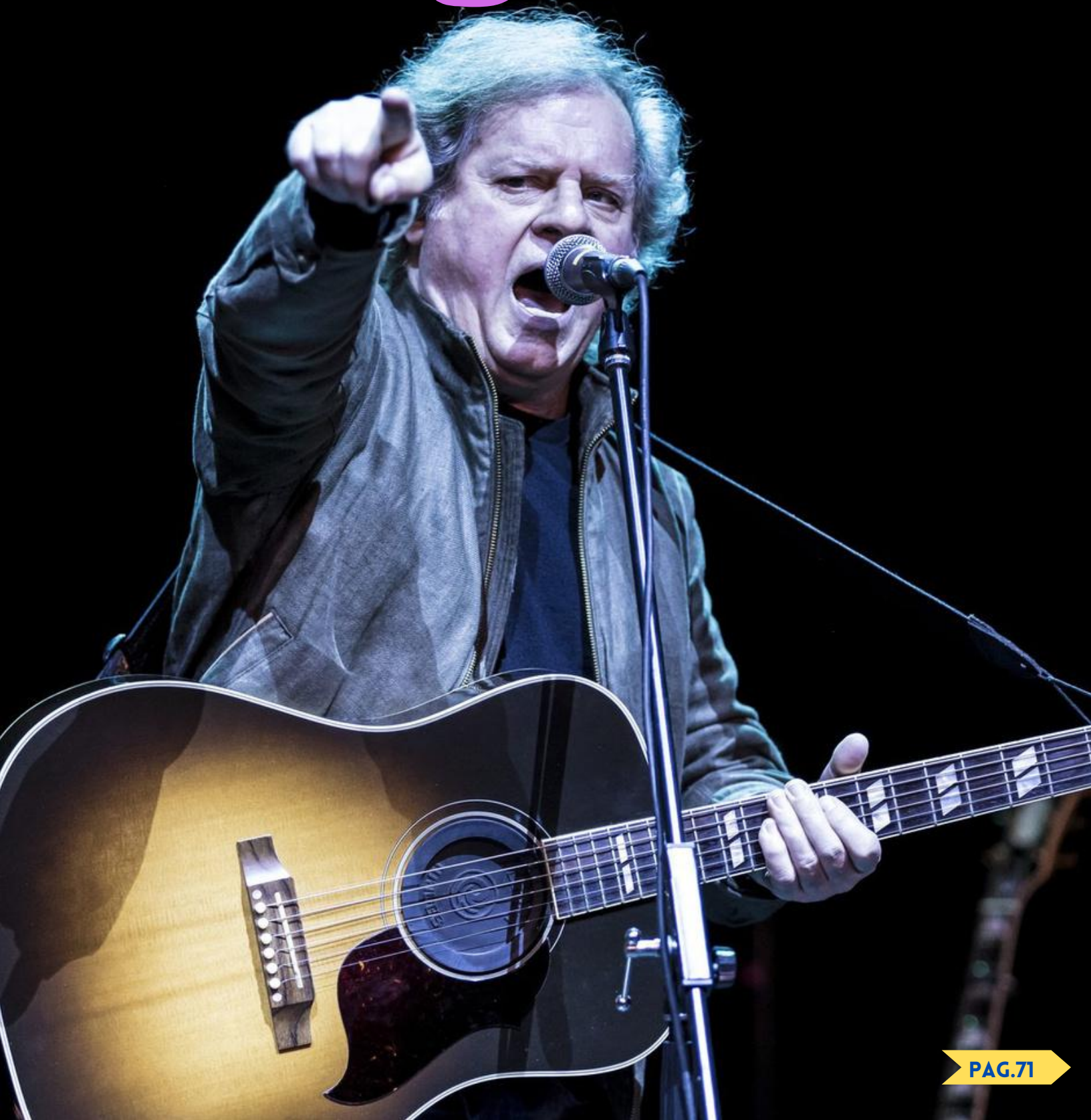
MENSAGEM

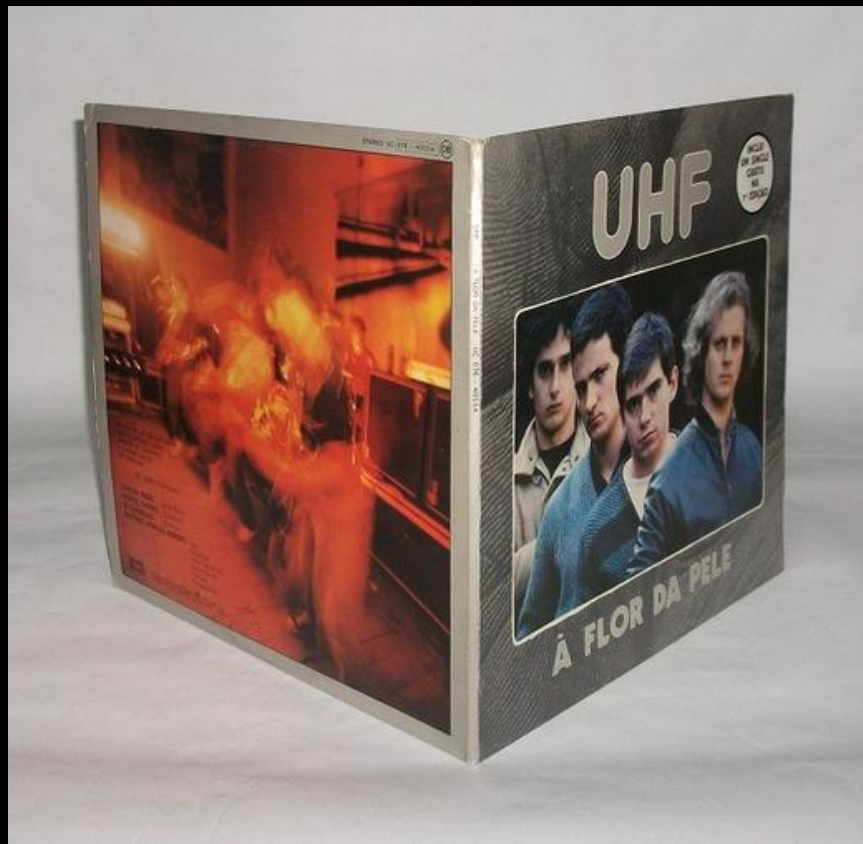
REVISTA POETURA
2024

MONTRA DE LIVROS

ESPECIAL POETURA

UHF





À Flor da Pele é o primeiro álbum de estúdio da banda portuguesa de rock UHF. Editado em junho de 1981 pela EMI-Valentim de Carvalho.

Os primeiros 12 500 exemplares do álbum incluíam um single extra com os temas "Quem irá beber comigo? (desfigurado)" e "Noite Dentro".

O álbum atingiu o primeiro lugar na tabela de vendas em 1981, sendo galardoado com disco de ouro.

O primeiro tema a ser conhecido foi "Rua do Carmo", sendo a apresentação ao público feita com uma actuação na montra de uma loja do Chiado, com a rádio em direto e a televisão a recolher imagens que o telejornal exibiu nessa noite. Nunca antes em Portugal se tinha visto nada assim. O single "Rua do Carmo" foi lançado em maio de 1981 contendo no lado B o inédito "(Vivo) Na Fronteira", e permaneceu mais de trinta semanas no top nacional.

RAPAZ CALEIDOSCÓPIO

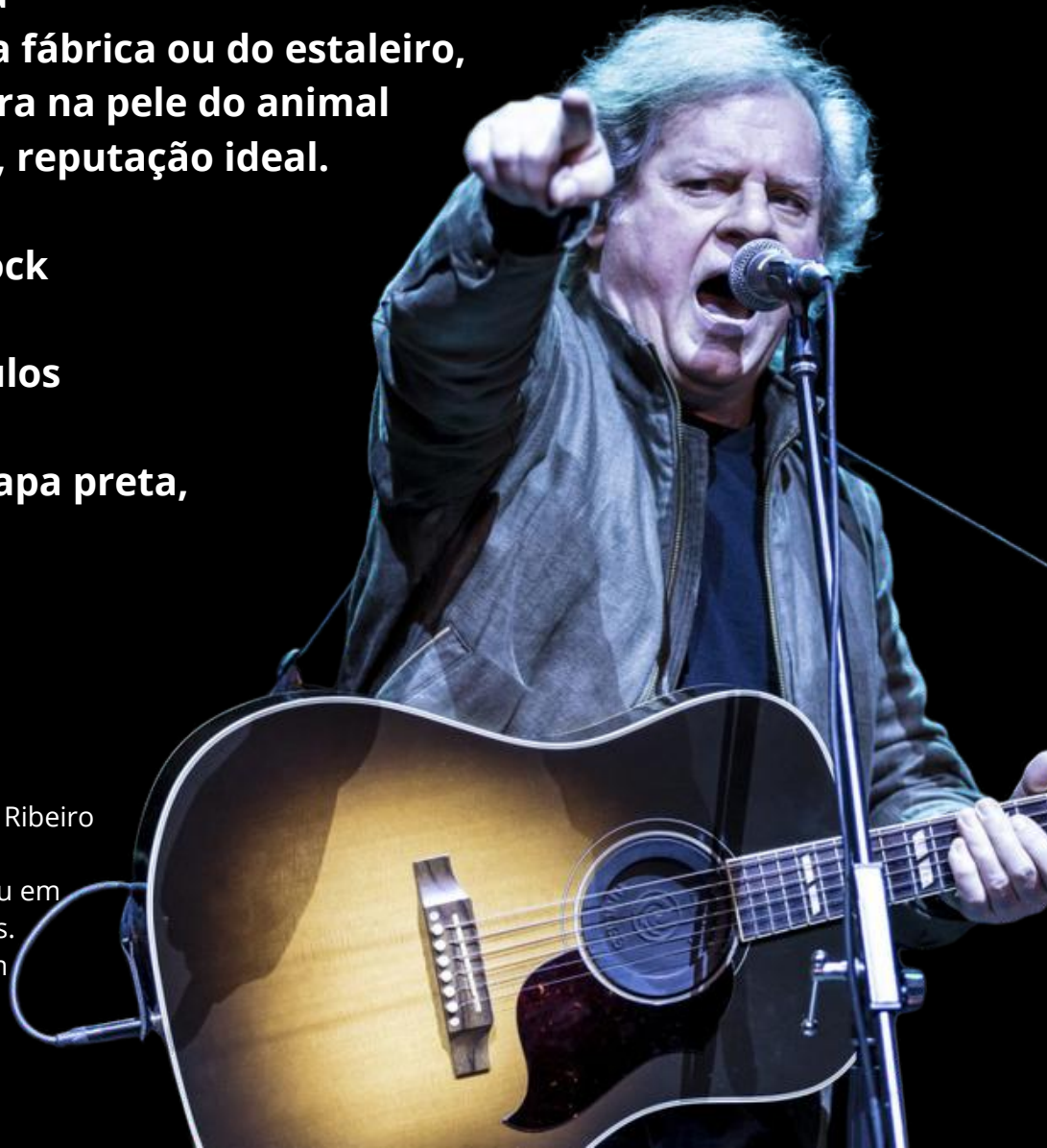
**Um intelectual de ar estafado
Um homem de faces cavadas na noite,
Cruza o Bairro Alto no silêncio dos ténis claros
Em passos largos de dança.**

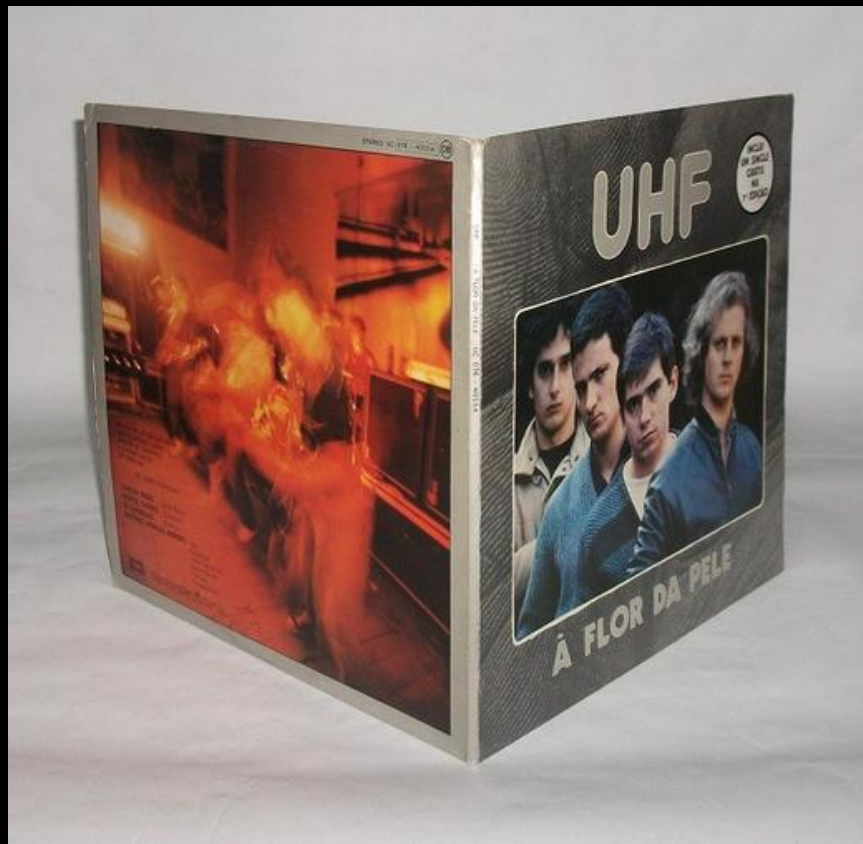
**Ele é um duro como rock
Fã da violência,
E olha a vida pelos óculos
Gingando cadência,
Veste cabedal que é napa preta,
Heyahoh la la la.**

**Quando a fome aperta
Ele toma o caminho da fábrica ou do estaleiro,
E na próxima fuga entra na pele do animal
Que o torna agressivo, reputação ideal.**

**Ele é um duro como rock
Fã da violência,
E olha a vida pelos óculos
Gingando cadência,
Veste cabedal que é napa preta,
Heyahoh la la la.**

Copyright "©" by António Manuel Ribeiro
Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em
parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais do autor foram
assegurados.



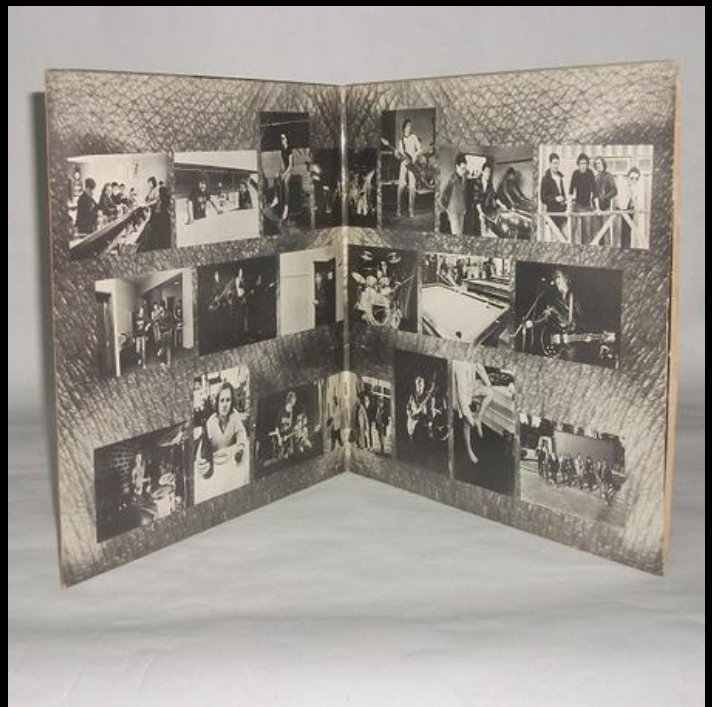
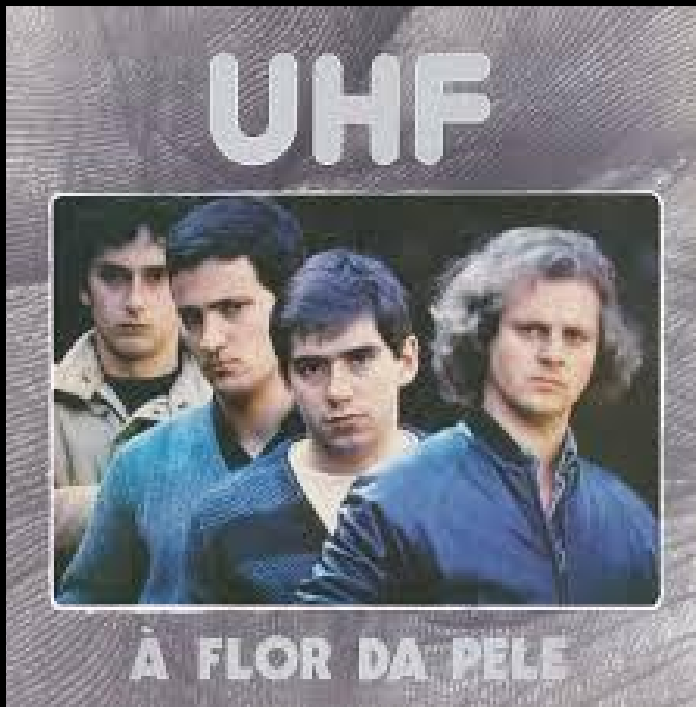


A fotografia da capa do álbum é da autoria de Luís Vasconcelos, tirada a meio da serra que liga Aveiro a Viseu, no decorrer da digressão anterior.

A gravação do tema "Ébrios (pela vida)" foi realizada em take direto com a voz a ser isolada na sala de banho dos estúdios Valentim de Carvalho. A ideia partiu de António Manuel Ribeiro para prolongar a tonalidade médio-grave da voz, à semelhança da gravação do álbum LA Woman dos Doors. A canção é a primeira abordagem à declamação musicada dos UHF.

O tema "(Anjo) Feiticeiro" é uma batalha de emoções na fronteira palco-público, uma mistura da banda, do cantor e do olhar penetrante das miúdas enquanto as canções se sucediam. A premonição da letra da canção iria ser cumprida. Traria para a realidade um grande amor e uma estória pessoal do vocalista da banda.

O álbum À Flor da Pele é considerado a "Bíblia do rock português", uma referência para todas as bandas rock. Foi reeditado em disco compacto em 1993.



Copyright "©" by António Manuel Ribeiro
Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em
parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais do autor foram
assegurados.

ÉBRIOS (PELA VIDA)

**O blues na minha vida em calças de ganga vestidas
Esguias no traço, vagas no passo
Que as leva e traz no ruído do tráfego
Tanto faz, tanto faz...**

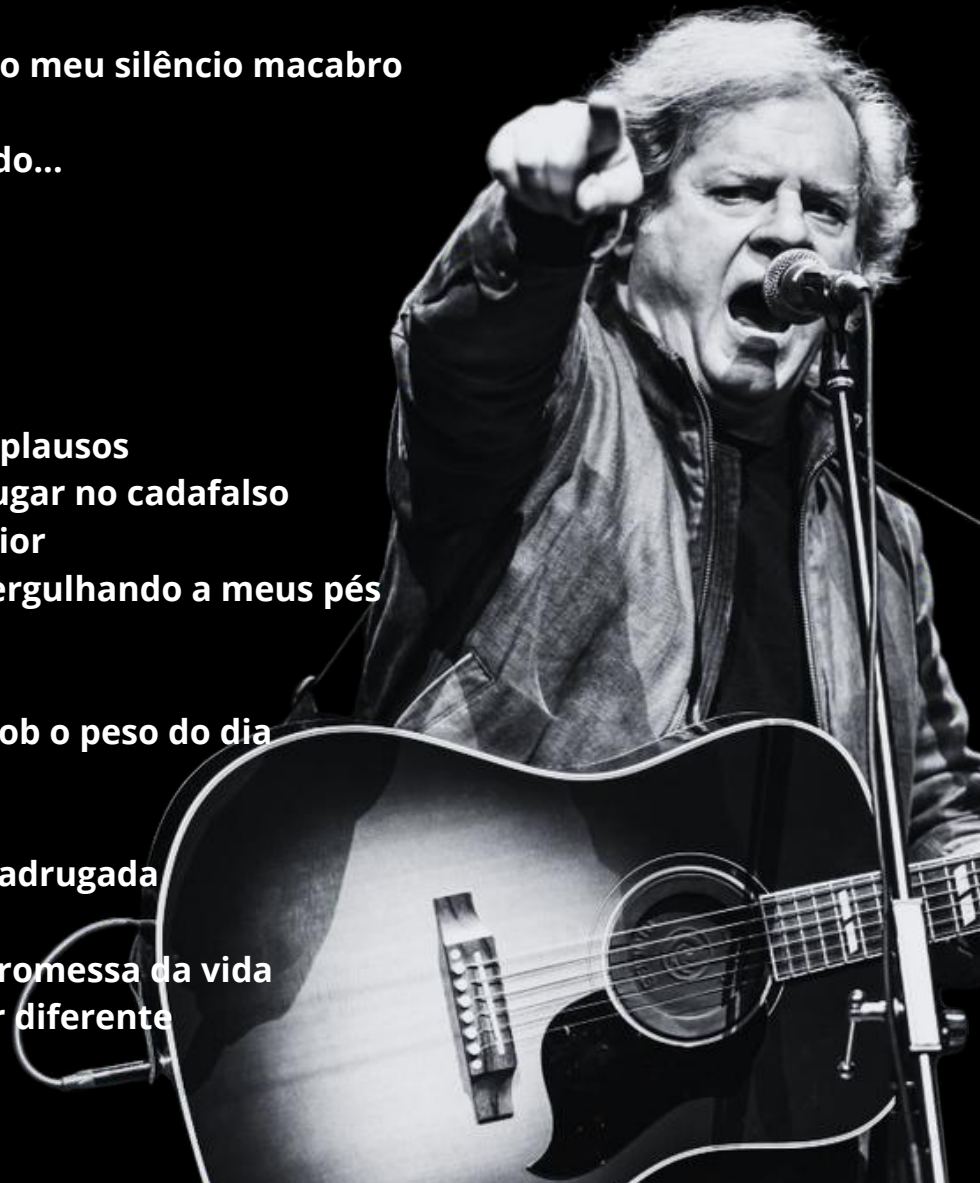
**Fim de tarde em café com uma amiga em naufrágio
Sacrossanto, altar de espanto, pouco p'ra dizer
A não ser, beber-te os olhos, beber em tragos
No silêncio do quarto de hotel.**

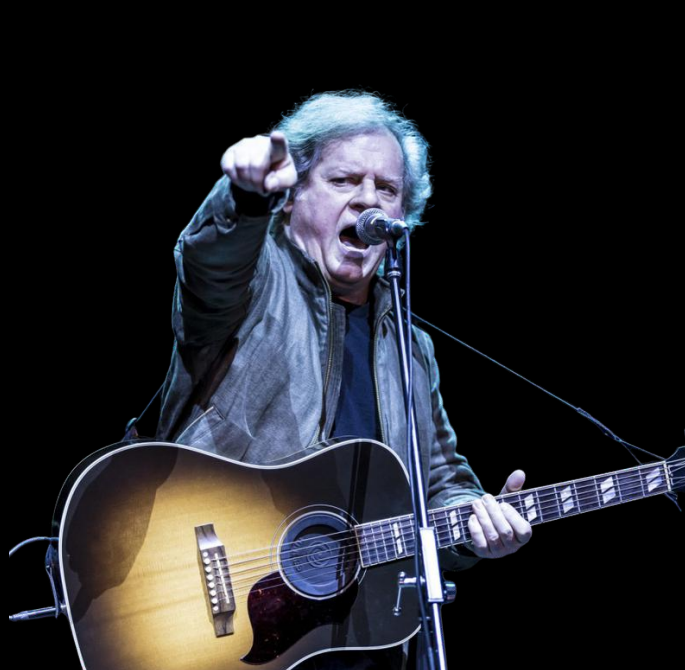
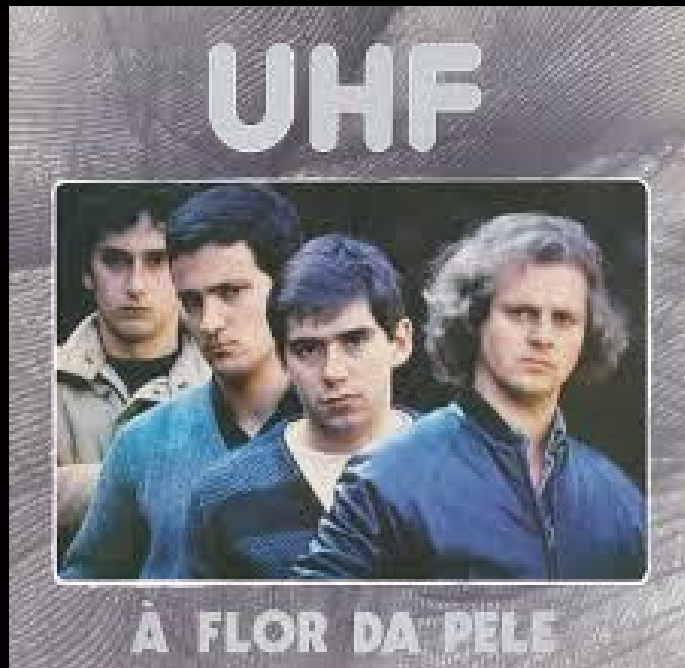
**O blues marcando a vida quando o grito desafina
E as ideias explodem nas veias do poeta
Traçando o ritmo, forçando a rima
Traçando o ritmo, forçando a rima.**

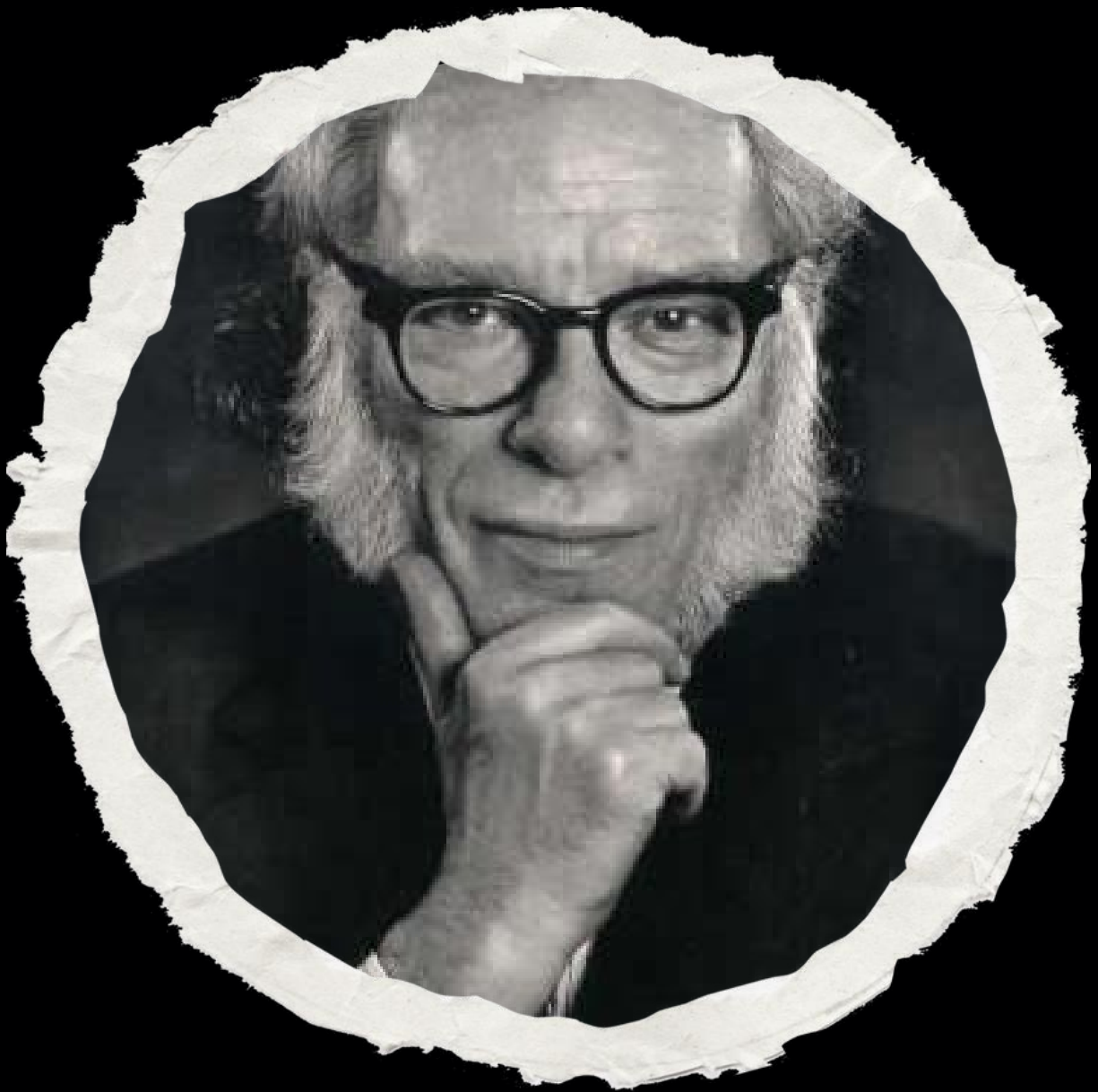
**Às vezes prefiro despejar copos no meu silêncio macabro
Nas margens deserto
Por entre os dedos o medo, o medo...
Estou a ficar bêbado, sabes
Bêbado na ânsia felina da espera
Que abre as portas do prazer...
Quero-te! Quero-te!**

**Cai agora em mim e desci entre aplausos
Davam-me honras militares e o lugar no cadafalso
Cai agora em mim e vou ser o maior
Quero ver-te de rastos a ganhar mergulhando a meus pés
Quero-te! Quero-te!**

**Os meus olhos caem vermelhos sob o peso do dia
A música sabe a whisky
Quando o momento chegar
Quero ficar no pensamento da madrugada
Amanhã outro dia
Voltaremos cativos enquanto a promessa da vida
Resistir como esperança de sabor diferente
Tanto faz, tanto faz...**

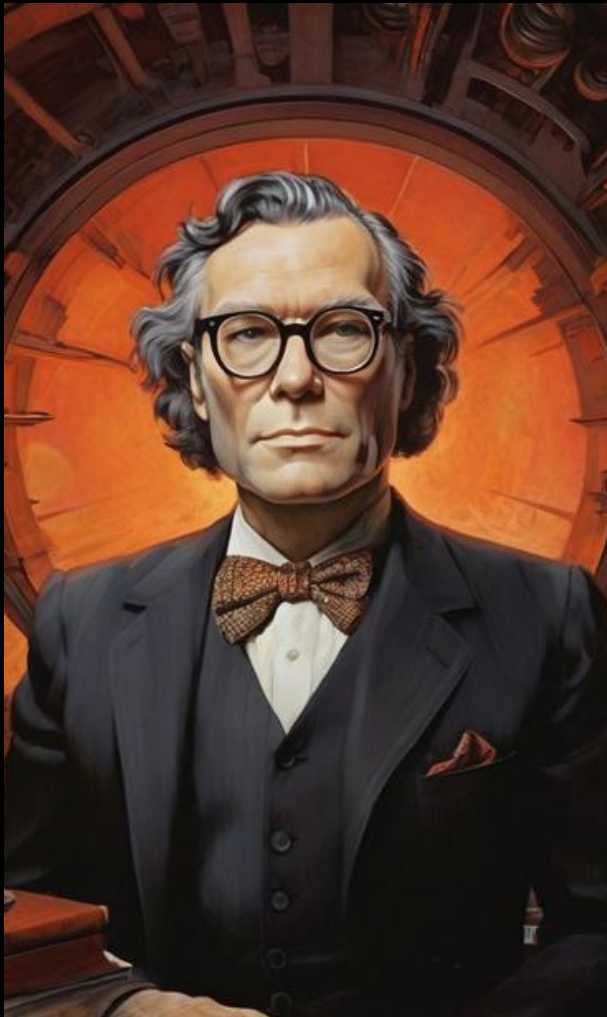
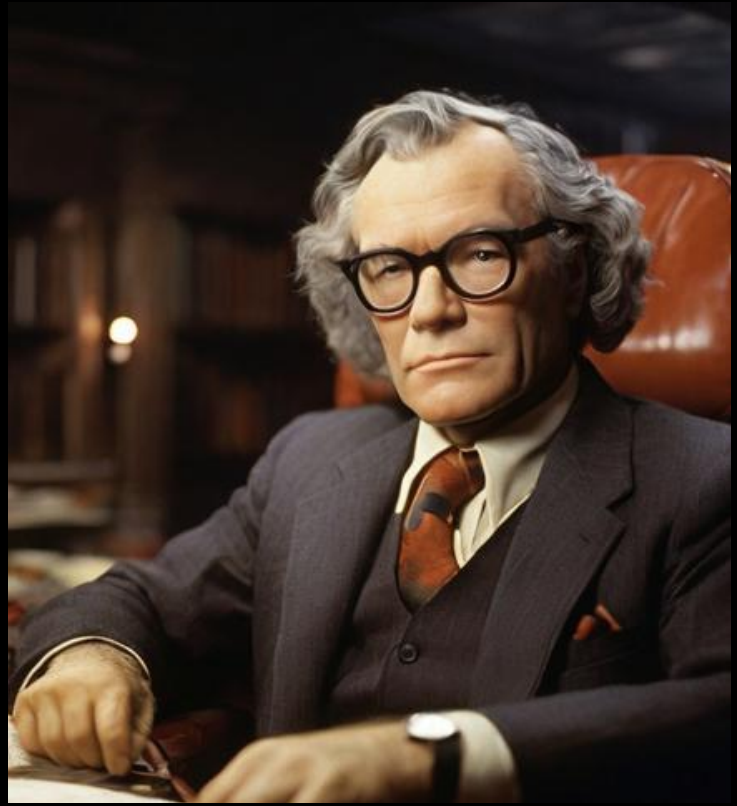
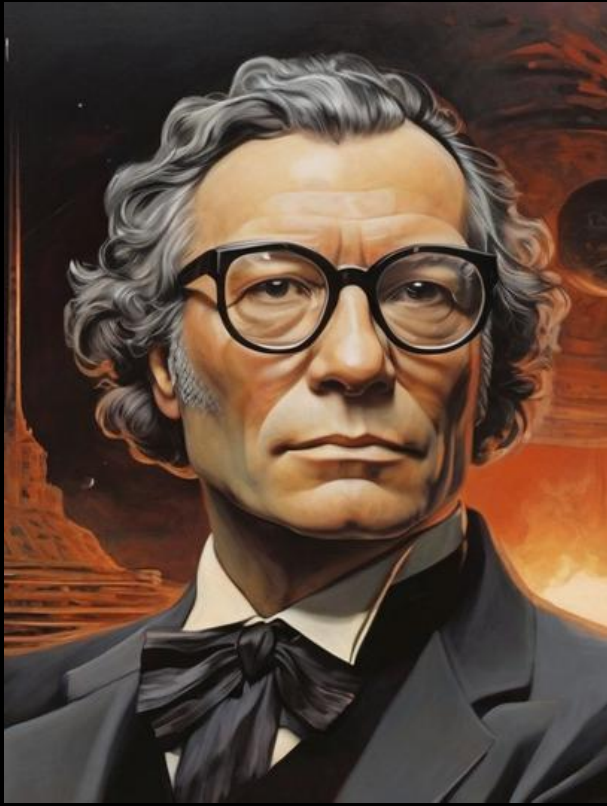






ISAAC ASIMOV

Séculos após a queda do Primeiro Império Galáctico, o futuro da humanidade está nas mãos de Golan Trevize, ex-conselheiro banido da Primeira Fundação. Viajando pelo espaço a fim de provar suas suspeitas, ele chega a Gaia, um planeta vivo onde todos os seres compartilham a mesma consciência. E se vê diante de um profundo dilema: decidir se essa mente coletiva é, de fato, o melhor destino para uma humanidade cheia de conflitos. Determinado a garantir que sua escolha é a correta, Trevize parte com Janov Pelorat e a intrigante Júbilo em busca do mítico planeta Terra, cuja existência foi apagada dos registros galácticos. Mas nada poderia prepará-los para os segredos desse mundo ancestral - verdades que antecedem a história como eles a conheciam, e que mudarão seu significado para sempre. FUNDAÇÃO E TERRA é o quinto livro da série FUNDAÇÃO e encerra, cronologicamente, a obra máxima de ISAAC ASIMOV. Um clássico de imaginação e escala extraordinárias que moldou a ficção científica como a conhecemos hoje.



EDITORA ALEPH



AGATHA CHRISTIE

Agatha Christie

Neste clássico da literatura, e um dos mistérios mais famosos da Rainha do Crime, Hercule Poirot precisa descobrir quem está por trás do assassinato no Expresso do Oriente – e o culpado está entre os passageiros do trem.

Em meio a uma viagem, Hercule Poirot é surpreendido por um telegrama solicitando seu retorno a Londres. Logo o famoso detetive belga embarca no Expresso do Oriente, que está inesperadamente cheio para aquela época do ano. Pouco após a meia-noite, o excesso de neve nos trilhos obriga o trem a parar, e na manhã seguinte, o corpo de um dos passageiros é encontrado, golpeado por múltiplas facadas. Isolados e com um assassino entre eles, a única solução de Poirot é iniciar uma investigação, reunindo todas as pistas e os suspeitos para chegar à conclusão de quem é o criminoso — antes que ele faça mais uma vítima.

Um clássico da literatura de mistério, O assassinato no expresso do oriente é parte das novas edições de luxo de Agatha Christie da HarperCollins, com novas traduções, capa dura e detalhes sobre a obra no final do livro. Você vai se surpreender com cada reviravolta.



**ASSASSINATO
EXPRESSO^{NO}
DO ORIENTE**



 Harper
Collins

AGATHA CHRISTIE

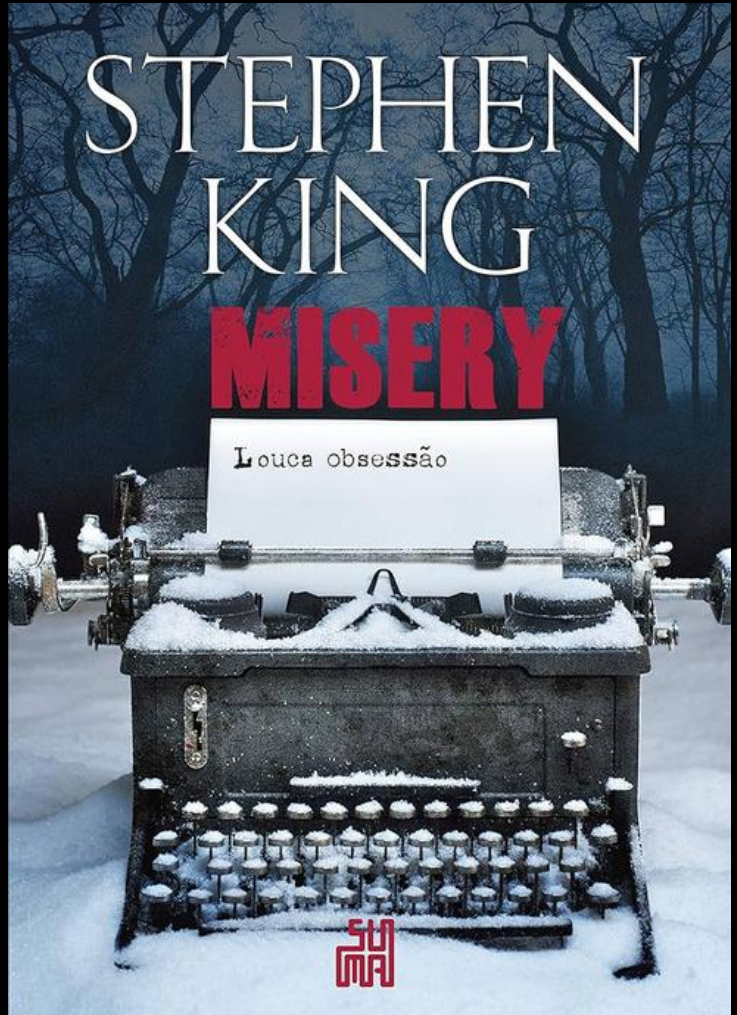
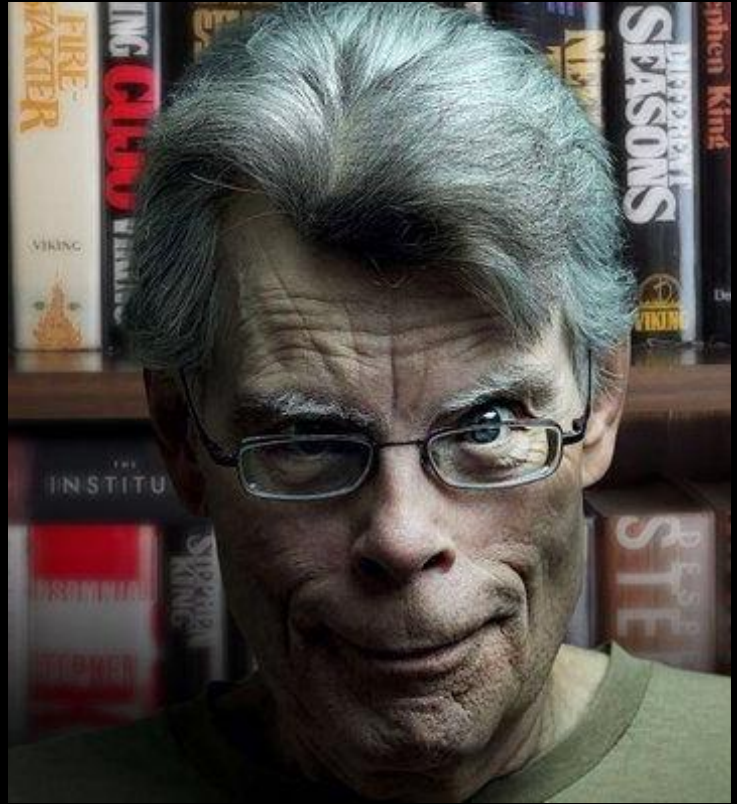


STEPHEN KING

***Misery* , o clássico do terror que inspirou o filme com Kathy Bates, é uma história chocante sobre o impacto da ficção em uma mente obsessiva e a angústia do aprisionamento.**

Paul Sheldon é um escritor famoso, reconhecido por uma série de best-sellers protagonizados pela mesma personagem: Misery Chastain. Annie Wilkes é uma enfermeira aposentada, leitora voraz e obcecada pela história de *Misery*. Quando Paul sofre um acidente de carro em uma nevasca, ele é resgatado justamente por Annie, e esse encontro entre fã e autor é o ponto de partida de uma das tramas mais aterrorizantes de Stephen King.

Insatisfeita com o final do último livro da série, a fã isola o autor debilitado em um quarto em sua casa. Com torturas, ameaças e uma vigilância persistente, ela faz de tudo para obrigá-lo a reescrever a narrativa com o final que ela considera apropriado. Considerada uma das vilãs mais assustadoras e complexas do universo King e interpretada por Kathy Bates no filme que se tornou um clássico, Annie Wilkes é a figura que faz de *Misery* um livro essencial.





MARY SHELLEY

Mary Wollstonecraft Shelley, nascida Mary Wollstonecraft Godwin (Somers Town, Londres, 30 de agosto de 1797 – Chester Square, Londres, 1 de fevereiro de 1851), mais conhecida por Mary Shelley, foi uma escritora britânica, filha do filósofo William Godwin e da feminista e escritora Mary Wollstonecraft.

Mary Shelley foi autora, dramaturga, ensaísta, biógrafa e escritora de literatura de viagens, mais conhecida por seu romance gótico, *Frankenstein: ou O Moderno Prometeu* (1818). Ela também editou e promoveu os trabalhos de seu marido, o poeta romântico e filósofo Percy Bysshe Shelley, com quem se casou em 1816, após o suicídio de sua primeira esposa.

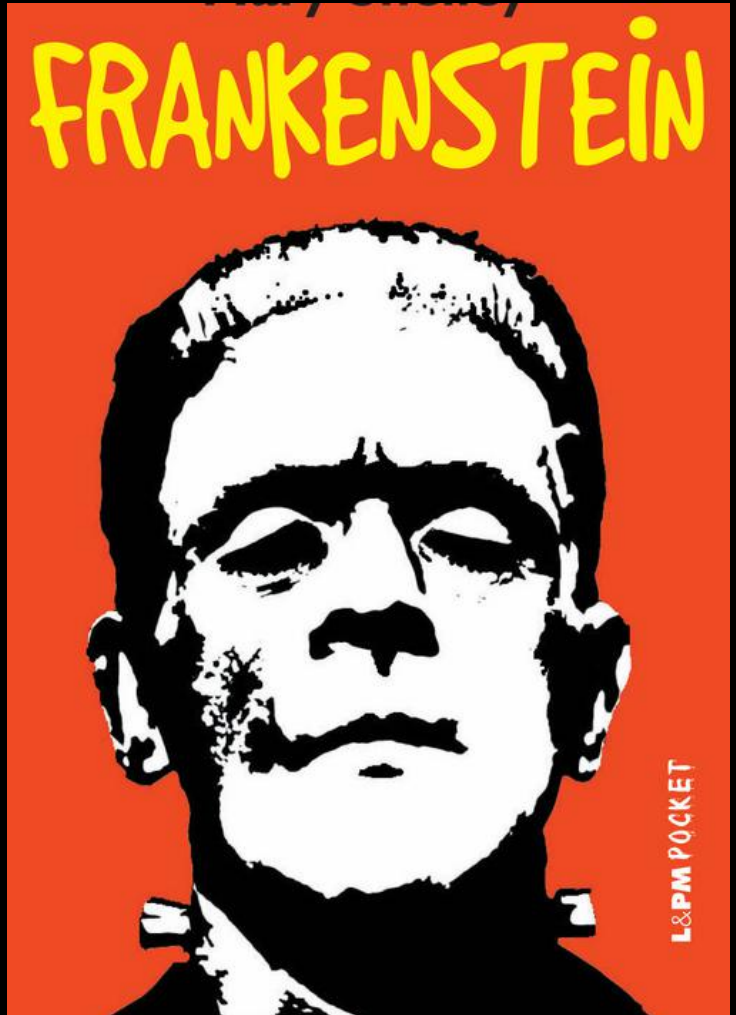
Frankenstein ou o Prometeu Moderno (Frankenstein: or the Modern Prometheus, no original em inglês), mais conhecido simplesmente por Frankenstein, é um romance de terror gótico com inspirações do movimento romântico, de autoria de Mary Shelley, escritora britânica nascida em Londres. É considerada a primeira obra de ficção científica da história.



Chapter 10

There on a dreary night of November
I beheld the ~~man~~ ^{thing} completed, and
with an anxiety that almost amount-
ed to agony, I collected my fragments of
around me, and ~~endeavored~~ ^{tried} to make
speech of being in to the hellish thing
that lay at my feet. It was already
one in the morning, the rain pattered
dimly against the window-pane,
my candle was nearly burnt out, and
by the glimmer of the half-extinguish-
ed light, I saw the dull yellow eye of
the creature open—it breathed hard,
and a convulsive motion agitated
its limbs.

But how ~~how can I describe~~ ^{how can I describe} my
emotion at this catastrophe, or how I
assist the wretch whom with a view
to infinite pains and care I had endeavor-
ed to form. His limbs were in proportion
and I had collected his features & as-
sembled ~~some~~ ^{some} handsome. ~~His~~ ^{His} ~~hair~~ ^{hair} ~~was~~ ^{was} ~~black~~ ^{black}, Great God! his
yellow skin scarcely covered the work-
ing muscles and arteries beneath, his hair
was ~~flaming~~ ^{flaming} and his teeth of a pearly
whiteness, but these luxuriances only ~~form-~~ ^{form-}
ed a more horrid contrast with
his watery eyes that seemed almost
the same colour as the dun white
sockets in which they were set.





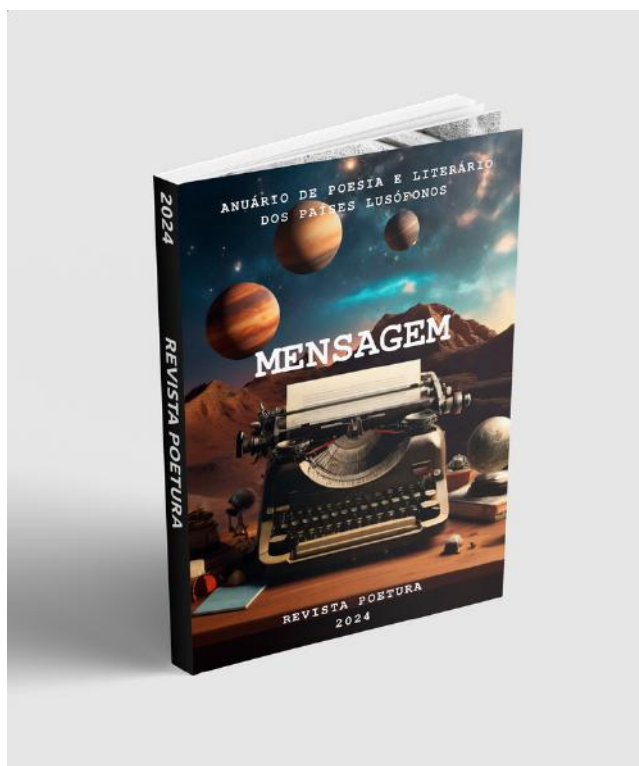
Caros Poetas e
escritores independentes
Amantes da Poesia e da
Literatura
É com grande prazer que
convidamos você a
participar do Anuário
de Poesia da Revista
Poetura 2024,
"MENSAGEM". Este é um
convite para
compartilhar suas
criações poéticas e e
em prosa para fazer
parte de uma celebração
da expressão artística
e da diversidade
literária.

ANUÁRIO DE POESIA E
LITERÁRIO DOS PAÍSES
LUSÓFONOS - terá edição
física e digital.

MAIS INFORMAÇÕES:

LUÍS ROXO

musictvoceano@gmail.com





"O Impacto da Poesia na Saúde Mental: Como a Escrita Pode Ser Terapêutica" POR: Luís Roxo

A arte da poesia tem sido uma forma de expressão humana por milênios. Desde os tempos antigos, poetas têm usado palavras para transmitir emoções, contar histórias e capturar a essência da vida. Mas além de sua beleza estética e poder comunicativo, a poesia também tem demonstrado ter um profundo impacto na saúde mental das pessoas.

Expressão Emocional

Escrever poesia é uma forma poderosa de expressar emoções complexas e profundas. Muitas vezes, as palavras não conseguem capturar completamente a profundidade de nossos sentimentos, mas a poesia permite que mergulhemos nas nuances da experiência humana de uma maneira única. Ao transformar pensamentos e sentimentos em versos, os poetas podem encontrar uma saída saudável para suas emoções, aliviando o estresse, a ansiedade e a depressão.

Autoconhecimento e Reflexão

A escrita poética também pode ser uma ferramenta valiosa para o autoconhecimento e a reflexão. Ao explorar temas como identidade, amor, perda e esperança, os poetas podem se aprofundar em suas próprias experiências e compreender melhor a si mesmos e ao mundo ao seu redor. Escrever poesia pode ser um processo terapêutico de descoberta pessoal, permitindo que os poetas encontrem significado e propósito em suas vidas.

"O Impacto da Poesia na Saúde Mental: Como a Escrita Pode Ser Terapêutica"

Empoderamento e Resiliência

Além disso, a poesia pode promover o empoderamento e a resiliência emocional. Ao compartilhar suas experiências por meio da escrita, os poetas podem se conectar com os outros de uma maneira autêntica e significativa. Saber que não estão sozinhos em suas lutas pode trazer conforto e fortalecer o senso de comunidade. Além disso, a criação de poesia pode ajudar os indivíduos a desenvolver habilidades de resolução de problemas, pensamento crítico e enfrentamento, capacitando-os a lidar melhor com os desafios da vida.

Conclusão

Em resumo, a poesia vai muito além de ser apenas uma forma de arte. Ela tem o poder de transformar vidas, oferecendo um meio de expressão emocional, autoconhecimento e conexão com os outros. Para aqueles que buscam melhorar sua saúde mental e bem-estar emocional, a escrita poética pode ser uma ferramenta valiosa e terapêutica. Então, da próxima vez que se sentir inspirado, pegue uma caneta e um papel e deixe sua criatividade fluir. Sua mente e seu coração agradecerão.





Entrevista Com Poetas Mortos (1) Fernando Pessoa Em Lisboa, 1922 POR: Barata Cichetto

Corria o ano de mil novecentos e vinte e dois, e eu não sabia, mas vim a saber depois. Que naquele ano da graça. Em Lisboa havia uma praça. Onde todas as tardes se sentava uma pessoa. Que mais tarde o mundo trataria com a primeira maiúscula: Pessoa. Fernando era o prenome daquele homem. E me parece que no meio tinha também Antônio Nogueira. Mas a outros nomes também o nomes o homem também respondia: Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Bernardo Soares... Entre outros tantos. Cada um com seus encantos. E ele se sentava no banco que se via. E escrevia como se apenas a escrita sem vaidade, ao seu mundo tivesse a única validade. E eram seus escritos feitos de poesia. E para ele outro mundo não existia. Naquele tempo de bondes e cafés cheirando a tabaco e chás ferventes. Éramos todos seres vivos viventes. Tão felizes que mostrávamos a felicidade nos dentes. Tempos antigos e muito diferentes. E naquele ano de e naquele lugar cativo. Sentava o poeta ainda vivo. E escrevia. Tudo aquilo que sentia e vivia. Sentei eu então ao seu lado quieto. Tentando me distrair sem perturbar aquele homem inquieto. Que vestia um sobretudo e um chapéu de abas largas. Que entre suas horas não tão vagas. Também achava de ser inventor e empresário. E segundo se sabia era até astrólogo e publicitário. Dizem que até traduzia poesia e fazia dramaturgia. E que tudo o que ele produzia. Tinha a alma de um poeta universal. E sabia como nenhum outro usar sua pena colossal. Depois de algum tempo sem lhe dirigir a palavra. Respeitando o silêncio necessário à sua lavra. Criei aquela coragem que apenas poetas e loucos conhecem por inteiro. E chamando-o pelo nome ainda um tanto arteiro. Perguntei-lhe se conhecia uma tal Tabacaria. Uma que eu via. Das "janelas do meu quarto, do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é, e se soubessem quem é, o que saberiam?". E depois de um tempo calado. Ergue os ombros e a cabeça o poeta, e feito um cavalo alado. E responde, como se não existisse meu eu: "Vivi, estudei, amei e até cri, e hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu". Recolhido à minha pequenez cadavérica fiquei em silêncio profundo. Porque sei que nada neste mundo, de Deus e sem qualquer deus a me socorrer. Não teria eu nenhum Santo ou Demônio a me socorrer.

Entrevista Com Poetas Mortos (1) Fernando Pessoa Em Lisboa, 1922

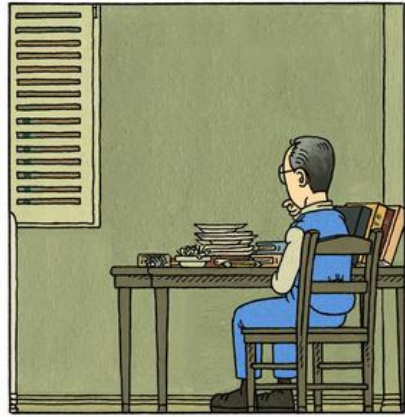
E assim, um tanto cabisbaixo, mas ofegante por um encontro inusitado. Pergunto, como quem quer saber do tudo que lhe foi ensinado. Se a tal Tabacaria era um lugar ou um estado. E então responde o poeta sorrateiro. Molhando a pena da caneta tinteiro. "À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora, e à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro." Pasmado e silencioso como um aprendiz, que eleva tudo aquilo que seu mestre diz, olho ao homem por trás dos óculos de aros grossos e debaixo da gravata alinhada, e vejo uma tristeza aninhada. Tusso como disfarce de minha insensatez, peço desculpas pela minha estupidez. E por fim ainda quero saber sobre aquela Tabacaria, a quem pertence e o que está escrito na tabuleta da porta. E conclui o poeta, que não importa, porque "o dono da Tabacaria chegou à porta (...) Ele morrerá e eu morrerei. Ele deixará a tabuleta, eu deixarei os versos. A certa altura morrerá a tabuleta também, os versos também. Depois de certa altura morrerá a rua onde estive à tabuleta, e a língua em que foram escritos os versos." Envergonhado da minha ignorância suprema, "movo-me para fora do soco", como me movi um ano depois, quando revisei Lisboa. E novamente encontrei o Poeta sentado na mesma praça. E então lhe perguntei se algo queria. Porque então eu poderia lhe compreender. E ele me disse, até como se me pedisse: "Não: não quero nada, já disse que não quero nada". Ainda tentei um abraço, mas reagiu: "Não me peguem no braço! Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho". Me afastei, porque conheço um pouco do gostar da solidão. De amar estar só na escuridão. Mas ainda pude ouvir, no meio dos barulhos dos bondes de Lisboa: "Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!".

15/05/2024

(Homenagem ao maior poeta da Língua Portuguesa, com perdão de Camões)

**As Aventuras de Fernando Pessoa,
Escritor Universal...", um álbum de
banda desenhada da autoria de
Miguel Moreira.**





CONTINUA NA PRÓXIMA REVISTA POETURA



Nascida da experiência literária de seus criadores, os poetas e escritores Luís Roxo e Barata Cichetto, a Editora Poetura chega vocacionada à publicação especialmente de livros de poesia, mas logicamente abrangendo outros gêneros literários, como contos, crônicas, ensaios, etc..

Roxo e Cichetto, também artistas multitarefa, juntaram suas forças compartilhando suas vastas experiências na área editorial,, inclusive dentro da própria UICLAP.

**POETURA
AGORA É
EDITORIA!**

Todos os nossos lançamentos darão oportunidade particularmente a escritores iniciantes ou sem vínculo com editoras tradicionais, embora possamos atender a outros nichos, como autores com obras em domínio público e coletâneas literárias.

Além da edição e publicação através de plataformas, também prestamos outros serviços editoriais, tais como:

- REVISÃO,
- DIAGRAMAÇÃO,
- ARTE DE CAPA,
- SITES PARA ESCRITORES,
- VIDEOPOEMAS,
- EBOOKS TRAILERS.

**OFERECEMOS TAMBÉM CURSOS
COMO O DE ESCRITA CRIATIVA.**

ENTRE EM CONTATO CONOSCO
editorapoetura@gmail.com

Editora Poetura: seu porto seguro de literatura.

POETAS & ESCRITORES

CONVIDADOS



Miguel A. Teixeira
PORTUGAL



Mònica Miquel Nieto
ESPAÑA



Lasana Lukata
BRASIL



Euclides Cavaco
PORTUGAL

POETAS & ESCRITORES

CONVIDADOS



Renato Martins
BRASIL



Antonio Fonseca
BRASIL



Fernando Vasconcelos
PORTUGAL



Vitorino de Sousa
PORTUGAL

POETAS & ESCRITORES

CONVIDADOS



Maurício Cavaleiro
BRASIL



Maria Fialho
PORTUGAL



Marcio Muniz
BRASIL



LU Galvao
BRASIL

POETAS & ESCRITORES

CONVIDADOS



Mara R. Ferreira
BRASIL



Cicero Bizzuka
BRASIL



Maria Cezar
BRASIL



Sheise Piezentini
BRASIL

POETAS & ESCRITORES

CONVIDADOS



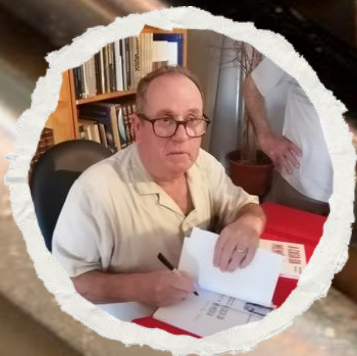
Armando Matos Beja
PORTUGAL



Vera Lucia Dias
BRASIL



Andreia Caires
BRASIL



Domingos Boieiro
PORTUGAL

POETAS & ESCRITORES

CONVIDADOS



Carolina de Barros
BRASIL



Pedro Vale
PORTUGAL



António Mota
PORTUGAL



Adalberto Silva
BRASIL

SINTO MUITO POR SENTIR

Perguntas-me se me sinto doente, se sinto frio quando arrefece
E eu digo que nada sinto e a brincar costumo até dizer
que um dia quando morrer escreverão na minha lápide:
Que desta vida parti um dia em paz sem nada sentir.
Eu... que fujo da paz, das coisas mornas sem graça nem sabor.
Sinto muito por sentir mesmo que nada sinta neste bater
incessante,
Sonhos, expectativas, vontades, esta fome de tanta coisa
Que todas juntas não cabem num só abraço, grande e apertado.
Como posso nada sentir ou sentir tão pouco se tudo o resto é
fogo,
É a urgência do que me arrepia, de tudo que me preenche e não
sacia,
Do que me acrescenta e aqueça a pele e a alma, este sentir
tão intenso de me despir por inteiro e m'entregar à vida,
de lhe tomar o gosto do sal, de me envolver sem medo,
de não me contentar com metades que não chegam a nenhum lado,
de amar além do simples amar, do quanto baste que não me
atrai,
e um dia poder dizer que fui sem que nada ficasse por fazer ou
dizer,
de tanto amor que senti que não havia mais lugar em meu peito,
e que parti, não em paz mas feliz,,, duma overdose de sentir.

Miguel Ângelo Teixeira

NOCHES DE PASIÓN

La tenue luz de unas velas en la oscuridad,
almas rasgadas se reflejan en las paredes claras,
distorsionadas sus sombras por el poder de las
llamas.

Pasión de desconocidos buscando sensaciones nuevas,
goce y dolor que se mezclan entre rojas sábanas de
seda.

Tortura excitante, adicción que les abrasa y al
éxtasis les lleva.

Gemidos, susurros, gritos entrecortados de placer...

Despierto entre tus brazos.

He vuelto a nuestra cama.

Sueños de noches locas,
de pasión libre y descarnada.

Sueños donde mi alma vuela libre
y no está prohibido nada.

Probemos algo nuevo esta noche,
amor, que los sueños solo son sueños,
pero el amor es libre entre tú y yo.

Mònica Miquel Nieto

quando as ondas
nebulizam a terra

à Thalía Santos

espiralar em torno de ti
como bailar de aves à volta da
embarcação,
na floração das convolutas vagas,
quando as ondas nebulizam a terra
e a flor do sol se abre em teus
lábios...

passar por dentro de ti
como criança que repete a brincadeira;

por dentro de ti
como a alça de uma espia
passa por dentro da alça de outra espia,
eis a poesia:

duas garças usando o mesmo vento,
duas espias, o mesmo cabeçaço
e ambas em liberdade,
pousando na mesma pedra,
quebrando o mesmo destino,
pernoitam no mesmo abismo

e o cabeçaço é o amor,
à medida que não enferruja,
à medida que não apodreça
e a estrela desapareça
dos olhos da sua amada.

águia-marinha,
não posso voltar para casa
sem tuas asas em mim.

LASANA LUKATA

S ã O J O ã O

Celebra-se o São João
A vinte e quatro de
Junho Como manda a tradição
Que nos passou testemunho.

Em muitas localidades
Entre as quais o Porto e Braga
Há grandes festividades
Que o tempo jamais apaga.

Alhos-porros e martelos
São seculares tradições
Com galhofantes duelos
Que distraem multidões.

Há rusgas e bailaricos
Folia e sardinha assada
E compram-se manjericos
Para dar à namorada.

Existem outros lugares
Onde há marchas e fogueiras
Que nos Santos populares
São comuns e rotineiras.

É assim a tradição
Festiva e cultural
Dedicada a São João
Em terras de Portugal.

Euclides Cavaco

SOMENTE EU E DEUS

(A melhor companhia)

Sozinho um dia você me deixou
Me iludiu e me feriu
Falsas juras de amor
E meu coração partiu

Te dei carinho, te dei atenção
Na minha vida te coloquei
Dela você fez o que quis
E nessa mentira eu acreditei

Fiz de tudo e recebi migalhas
Seu lado sempre você olhou
Tantas palavras ao vento se jogou
E assim com seu falso amor me enganou

Mas hoje eu acordei desse jogo
Vou me erguer e não querer nada seu
Apagar você dá minha memória
Daqui para frente será eu e Deus e Deus e eu

Renato Martins

13/05/24

MEUS OLHOS TEUS

meus olhos
são extensão
dos olhos teus
(e me vêem
com lentes eximias)

meus olhos
são compreensão
dos olhos teus
(e me vêem
com foco fulmino)

meus olhos
(estes mesmos olhos teus)
nos olham
com olhares anônimos

Fernando Antônio Fonseca

Tema: tempo de florir

Chegada a Primavera

A flora desabrocha

E a procriação prolífera...

À primavera!

O sol volta a sorrir- lhe

Fogosamente apaixonado

Por tal estação primorosa

De peculiares atributos...

Nessa estação vera

De linhagem verdejante!

Ressurge de seu ventre

Uma nova clonagem

De acácias e narcisos:

Seus traços característicos

Emitem uma sedução tão forte

Para quem está enamorado...

20/05/2024

Fernando Carlos Correia de Vasconcelos

Capítulo 1 – Dicas da minha Musa menina

Quando a minha Musa Menina me toca

Aninho-me dentro de mim quando a Musa Menina me toca.
Se estava amargurado logo arrebitado, fresco, já não azedado.

Quando estou em mim, animado, solto o que me sufoca,
crendo que, se me sinto bem, nada pode estar errado.

Faço vista grossa ao que, lá fora, gera ruído e
brado,
aquilo que, por ser trivial, alvoroço nas gentes
provoca.

Foco-me no que, por ter sido pela Menina beijado,
me leva a alma para o sítio onde o Rio Génio
desemboca.

Achas que isto são merdices de um vaidoso
desajeitado?

Talvez seja. O teu olhar, porém, porque não me vê,
ainda não se apercebeu de que "Sentir? Sinta quem
lê!"

Vitorino de Sousa

DONA NAIR

Entre as estrelas que Deus modela,
conhece aquela de mais luzir?
Vou lhe dizer qual o nome dela:
minha mãezinha – Dona Nair!

Sei que por mim ela vive em prece,
mesmo distante, lá da amplidão;
pois seu amor, meu caminho tece
longe das garras da escuridão.

À noite, quando a saudade aperta
e faz meu peito quase explodir
eu corro e deixo a janela aberta
e encontro a estrela – Dona Nair.

E quando a noite vive nublada
eu fecho os olhos, em oração,
e encontro a minha mãe adorada,
Dona Nair... em meu coração.

Maurício Cavalheiro

Nenhuma pele está impedida de voar.

O sol brilha, uma deliciosa brisa percorre os campos. Saio e procuro descontraír.

Deitada na relva observo o voo dos pássaros. Que bom seria voar!
Graciosamente interpretam um inebriante bailado ... que doce encanto para os meus sentidos.
Contemplando tal beleza adormeço ... ou não ... talvez esteja acordada e não saiba.
Envolta em raios solares sonho ... sonho que voo e as minhas asas cortam o vento.
O calor reconfortante dos raios solares acariciam a minha pele e ... danço.
Participo no inebriante bailado e deixo-me levar ao sabor do vento.
Hum ... que delícia. Que plenitude de sensações, que doce encantamento.
Entre chilreios as minhas asas movem-se, sou a estrela entre as estrelas.

Uma nuvem cobre o sol ... desce sobre mim. Engraçado ... que bela nuvem!
A sua presença acaricia, acalma e reconforta. Nela tudo é brilho e luz.
No meu corpo, seminu, sinto uma onda de prazer, deliciosos lábios tocam-no levemente.
A suavidade da seda cobre-me toda a pele, um calor húmido percorre-me.
Envolta em prazer elevo-me aos céus, flutuo nas asas de Cupido e subo ao Olimpo.
Hum ... como é possível tal prazer? O meu corpo estremece, imperam os sentidos.
Em mim não cabe mais prazer e o meu corpo explode numa onda de êxtase.
Lentamente desço ao meu relvado e uma doce tranquilidade envolve-me.
Obrigado amor, senti, voei ... perdi toda a noção de mim.
Não preciso de asas ... voei. Contigo aprendi que o sonho é realidade.
Vivo intensamente, sinto intensamente, sonho acordada, sonho contigo ...
Agora entendo quando alguém diz: ''... e nenhuma pele está impedida de voar''.

Fortunata Fialho

Coisas Simples

Adoro quando sou tocado pelo silêncio das coisas,
Suas singularidades.
Gosto da imensidão particular
Que habita cada ser.
Suas verdades tão plurais
E ao mesmo tempo ímpares.
Reverencio a importância das coisas que parecem pequenas,
Das sutilezas e subjetividades
Que habitam quase anônimas nos detalhes.
Admiro todos os sorrisos,
Em especial os espontâneos
E sem motivo.
Sou daqueles que ainda crê no amor
Que acha que toda lágrima requer um cuidado.
Que uma palavra pode ser um carinho
E que muitos carinhos ainda se escondem
Nos olhares, nos silêncios e nos pequenos gestos.
Eu acredito nos milagres,
Menos, nos ditos "improváveis",
Mais, naqueles de todos os dias.
Respirar, pensar, sentir,
Enfim, viver.
Componho poesias e canções sobre as dores,
Não para edificar a tristeza,
Mas para retratar que até nelas reside a beleza impoluta
da vida.
Eu luto contra as injustiças e desigualdades,
Não com ódio, violência ou palavras de ordem,
Eu luto com pequenos atos de amor,
De solidariedade e compaixão.
Eu prefiro a luta desarmada das palavras e do abraço.
Do cuidar para ser cuidado
Daquele que antes ama,
Para se tornar amado.
Tenho certeza do círculo virtuoso
Da gentileza que gera gentileza.
Da lucidez que soa insana
Só por parecer desprovida de suposta lógica.
De volta ao começo,
É no silêncio das coisas
Que descubro delas sua real essência,
Que as vejo nuas e imaculadas
É neste silêncio que ouço
E se conjugam os verbos
E toda poesia da vida.

QUENTE

Te vejo

Te sinto

Vou te beijando vai ficando quente

Milhões de besteiras passam na mente;

Começo a falar mole

A pegada é forte é diferente

Me deixa irreverente;

Os corpos se entrelaçam,

Fica quente

E quero você numa sede insaciável

Delírios explodem;

Nós dois entre quatro paredes tudo acontece;

Fica quente tudo se aflora

Diz que sou louca mas, que vale a pena

O mistério fica no Ar

E tudo se transforma em arte final corpos
colados e molhados de suor.

LU GALVÃO

Imortal e fria

Sim, eu vi o fim da minha estrada

Oh! quando seguia sem parar...

Oh! eu não queria ir a nenhum lugar.

Eu só buscava o meu eu perdida.

"Perdida" na sua cama 'dentro de você

Oh! tão cruel a sua face pálida e fria

Tão robóticos beijos e eu entorpecia-me.

Morria, morria na sua cama

O teu ser cheio de guerra, oh!

"Calculista".

Quero...eu quero afogar essa dor

obscura...

Livrar-me de você.

Quero seguir a noite e crucificar.

Crucificar o meu coração na primeira lua.

Matar esse amor e servir-te o meu

sangue na taça fria.

Eu só quero te envenenar baby.

Oh! baby,

e seguir a estrada sem coração sem

sentimentos imortal e fria.

Mara Regina Ferreira

Respiro seus movimentos
que jorram charme
Seu perfume quebrante configura o meu pulsar
É que ela carrega consigo o sopro do vento
E na lente o mapa de suas asas com a gravura dos
instantes
Assim a vejo
Linda, suntuosa
Seus olhos me vigiam e nessa pressa do pulsar
engulo salobro seu suor em despejo
Essa paixão na lógica é uma loucura boa vestida
de fogo em meus pensamentos

Cicero Bizzuka

O amor que preciso

Eu quero um grande amor
Que me dê muita ternura
Que me deixe em torpor
Que me provoque loucura.

Domine meu pensamento
Com paixão e liberdade
Pra viver cada momento
Que deixe muita saudade.

Que eu só tenha um desejo
Que seja te reencontrar
E saborear os teus beijos
E nunca nos separar.

Fazer desse amor a razão
De viver cada momento
Dentro do meu coração
Onde vibro e me acalento.

Quero um grande amor
Que traga a leveza da alma
Que tenha um doce sabor
Que me entenda, me acalma.

Que tenha um grande sorriso
Que alimente o meu coração
Que me leve ao paraíso
Que me tire da solidão.
É deste amor que preciso.

Maria Cezar

BRANCO

Acordei de madrugada, o relógio ainda demoraria uns bons dez minutos para marcar as quatro horas.

O estômago não demorou a reclamar, mas ainda não era tempo e o ar lá fora estava gelado.

Troquei-me com a preguiça presa aos meus calcanhares e pálpebras.

Fervi água e coei o café. O aroma me animou um pouco, mas não o tomei.

Esperei, sentado na beirada do sofá, as costas curvadas anunciavam todo meu entusiasmo de expor-me àquele tempo deprimente. "Mas vale o esforço", me encorajei.

Cinco horas. "Finalmente!".

Saí de casa e o ar frio fez minhas bochechas arderem um pouco. "Vale o esforço", pensei de novo.

Cheguei ao estabelecimento. "Quatro, por favor", pedi. Paguei, animado, segurando a embalagem quente nas mãos. O calor irradiou por elas e alimentou meu ânimo e expectativa.

Ganhei de novo as ruas, apressei o passo e cheguei em casa com o embrulho ainda mormo.

Sorri e me sentei à mesa. A manteiga e o café à espera.

Salivei. Abri o saco de pão.

"Branco!", exclamei ao ver aquelas massas disformes e murchas, com aparência anêmica.

Uma lágrima silenciosa foi recolhida a tempo e a manhã pareceu mais triste do que nunca.

"Não valeu a pena".

Sheise Piezentini

Longo foi o momento que atravessei.

A sala vestida de escuro apertado
E entre as virilhas da negritude
Os meus olhos a turvarem-se
No sal do meu silêncio.

Os teus olhos fixos
Na minha boca a despertar,
Uma língua húmida
Com beijos trancados.

O desejo da tua palavra franca
Novamente me fez livre meu amor!

Uma vez mais Abril me libertou...

E a noite abriu-se em cravo
Num desejo de vermelhos intensos.

Estouraram pétalas,
Que em versos,
Caíram no poema do teu corpo,
Feito de tanta leveza lavada.

No ar soltam-se salpicos de suspiros.

A. Matos Beja

Uma Sinfonia da Alma

Em versos que dançam no compasso do coração,
A poesia nos leva a uma doce canção.
Um universo de emoções em cada rima,
Onde a alma se expressa e se liberta da sina.

Nos versos livres, a mente se expande,
Em imagens vívidas, a realidade se transforma.
Um caleidoscópio de sentimentos em cada estrofe,
Onde a alma se encontra e se reconhece.

Na sinfonia das palavras, a beleza se revela,
Em um mosaico de sons que a alma acalenta.
Um refúgio para os sonhos e medos,
Onde a poesia cura e nos torna mais completos.

Eterna chama que arde em cada poeta,
A poesia nos une em um só planeta.
Em cada verso, um universo a ser descoberto,
Um presente precioso que nos foi oferecido.

Vera Lucia Dias

O barulho do rio

Que impressão é essa
que os poetas têm
de que um rio chora?
Que impressão é essa
de que um rio lamenta?

Um rio nem sempre chora
Um rio nem sempre lamenta
O rio é sábio
Ele é calmo e tranquilo
O rio medita dia e noite
Enquanto se move com ternura
Raso entre as pedras.

Rios guardam segredos
E só descobrem àqueles
Que dormem em seus leitos
O rio não aceita passar
Duas vezes no mesmo lugar
E nem precisar fazer aquele barulhão
Decidido, o rio segue o seu curso
Sabe que precisa continuar.

Andreia Caires

Pablito, em teu nome

No esplendor do som das tuas palavras
que foram germen
abarcante do diverso
do abundante
da riqueza
da tristeza
da contradição
da manifestação
da redenção,

Nas asas do condor
juraste ser chão
cordilheira
mar de sal
mosto no país das uvas e do vento
das perguntas!

Nas asas do teu exílio
inventaram-te um carteiro
para te levar notícias
do teu Chile
das tuas américas
do mundo inteiro
e tu pagaste-nos
ensinando
através dele as palavras
que vêm de dentro!

1

Na herança deixaste
a residência na terra
as cartas de amor
os teus cadernos natais
e foste o nosso canto geral
na claridade crepuscular
onde confessaste que viveste
e nasceste para nascer!

Foste laureado olímpico
herói popular
coroadado paladino
dos desvalidos
da sorte,
Foste o primeiro
poeta a receber tais louros!

Arriscaste tudo na tarefa de seres
gente
luz do alto
palavra no vento
revolucionário
apaixonado
convicto
certo
de génio
e genial
na entrega total
ao teu povo
ao mundo inteiro,
És o Pablito!

2

És Pablito
porque quiseste
ser canção de festa
ser terra, poesia e chuva
em Santiago
em todo o lado!

3

És Pablito
ode subtil e dúctil
turbilhão de vida
em viagem por dentro do chão
e no nosso coração:
Construtor de mundos
e do teu nome, Pablito!

De Parral a Santiago
rasgastes muros
incendiastes convicções.

© Domingos Boieiro

O vento

Tão leve...

Soprando suavemente...

Mal consegue agitar as ondas castanhas

Dos seus cabelos perfumados...

Oh! Vento...

Que carrega os meus pensamentos

Como andorinha que leva em suas asas

O alimento que sacia a fome dos seus descendentes.

Envolvendo nossos corpos, cada vez mais forte,

Esse vento nos embala como o berço quente do bebê que a mãe
ajeita todos os dias...

As folhas das árvores estão caindo com esse vento que não
para.

E logo essa ventania fará chover em meu olhar

Que tão longe do seu está...

Essas lágrimas, o vento vai secar

Mas aqui dentro de mim continuarão a cair incessantemente,

Como a chuva que cai na terra,

Para regar as rosas,

Que as nossas mãos, não alcançam.

Carolina Augusta de Barros.

Luz(a) alma

Sossega e vive do ar
A cómoda alma, armário espacial.
Plana e cisma a esmola pintada
Na rua nua e perfumada.
Sonha a universal fundação,
À beira-rio, navio-fantasma e fruição.
Entoa, na guitarra infantil, dramática
gente,
Num acorde simples, medieval.
- Ó alma lusa,
Acorda e sente,
Mesmo que à tangente,
O que é ser filha de Portugal.

PEDRO VALE

ESTENDIDO PARA NORTE À MINHA FRENTE

1.

Estendido para norte à minha frente, um navio de penedos sem idade. Abrem-me sorridentes de ironia um livro inacabado, um palimpsesto, onde entro e leio pequenos bocadinhos de tempo fragmentado. Ninguém sabe na verdade onde começa. E nunca ninguém o leu, nem há-de, do início até ao fim, pois que não tem principio no nosso entendimento nem tem fim. E, por muito que saibamos, há-de o livro do tempo da ironia sobre nós, saber sempre muito mais. Continua a ser escrito, dia a dia, e continuamente sempre. Por isso, não se incomode, que há-de ter sempre que ler, e o que fica escrito dele não se há-de nunca acabar.

2.

É o vento que o escreve e é o sol, é a água que do céu e que do mar, e é o sal, e é o amor que se senta nele e que se deita e o que se sonha e se deseja, que se pede e que se dá. E é a gaivota que pousa e as mais aves, é o barco que encalha nas eras em que a água o afoga mais. E as lapas. E tudo o que já foi e há-de ser. Uma formiga o escreve, e um rato. Um raio que porventura. Tudo. Até um ai. E a lua. E o luar. E cada estrela que viveu e que morreu e cada que ainda hoje. E é o fogo das profundas quando cá para cima o empurra das entranhas e quando ele lento mergulha e se faz magma. Tudo quanto passa o escreve. E até o pensamento, e cada cheiro e cada som. Escreve-o uma mão que o afaga, uma alegria e uma lágrima.

3.

Cada letra nele escrita é mais comprida e ocupa mais espaço que uma inteira vida humana, e cada linha nele escrita é mais comprida que a vida duma nação quando as havia, é cada página é mais comprida é contém mais que uma civilização inteira e tudo quanto nela. A primeira página que li, que é a que está mais acima e visível para quem sabe ler e ver, e que na verdade é a última escrita, tem a história de mil anos, e a logo abaixo dela, que eu espreitei por uma pequena fenda aberta começa no tempo de Cristo, e um palmo mais abaixo, correspondendo talvez à quinta página, está expressamente referida a fundação de Ururuk, a primeira cidade edificada.

4.

E cada penedo é um livro de mil páginas, ao menos, e cada uma já foi apagada e reescrita sobre a escrita que por baixo, outras tantas mil vezes, e outras tantas mil vezes se desfez cada penedo ou se fundiu ou se formou. E é por isso que os penedos sabem tudo, desde o princípio do mundo, e desde antes de haver mundo. Viajaram pelo espaço, estiveram no coração das estrelas, no fundo do mar e no centro da terra. Sabem tudo, e até de deus. Eu acho que eles sabem mesmo quem é deus, mas mantêm-se calados para não nos sentirmos afrontados na nossa ignorância.

5.

Às vezes, ao pôr do sol, no fantástico, ou, no fantástico, ao luar, a contemplar do firmamento a maravilha, aparece um velho sábio de barbas muito brancas. Mas, se alguém olha para ele, logo puxa a cortina do lusco-fusco, e desaparece. Eu sei quem ele é. Você nunca o viu? Ele conhece o livro todo. E o livro a ele.

ANTÓNIO MOTA

INVASÃO!

Quero invadir o teu olhar
Penetrar nos teus pensamentos
Acariciar o teu rostinho
Admirar o teu sorriso

Menina linda e charmosa
Que encanta sem nenhum perdão
Ao olhar para ti...Doce sedução
Deixa eu invadir o seu ego com caricias

Tú és uma princesa
Uma rara delícia de mulher
Um desejo inexplicável e avassalador
Doce Menina sensual!

Adalberto Silva

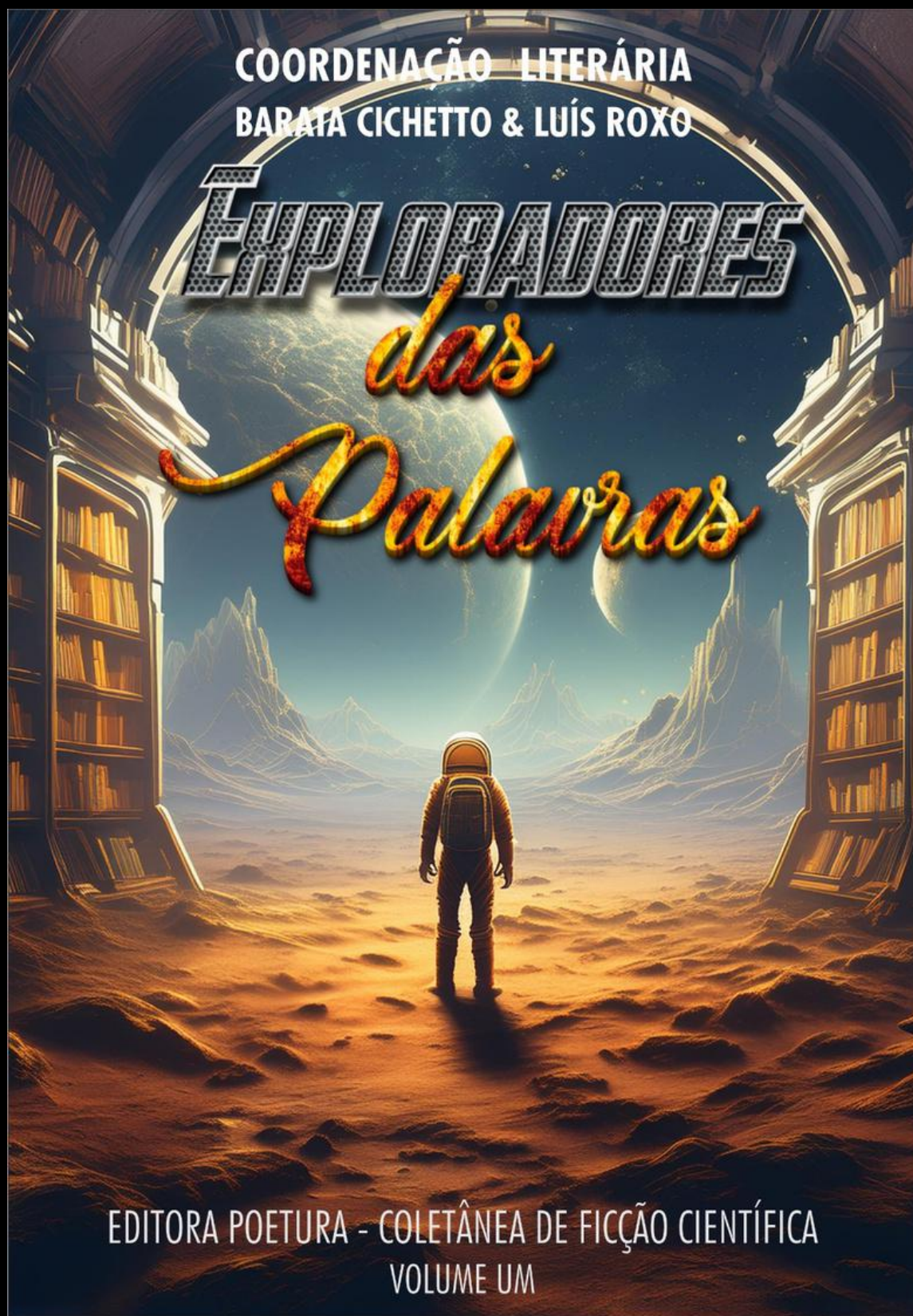
Participe da coletânea de poesia "Fragmentos do Eu" da Editora Poetura e eternize suas emoções e reflexões em uma obra que celebra a beleza e a profundidade da alma humana. Sua voz merece ser ouvida, seu poema merece ser lido!



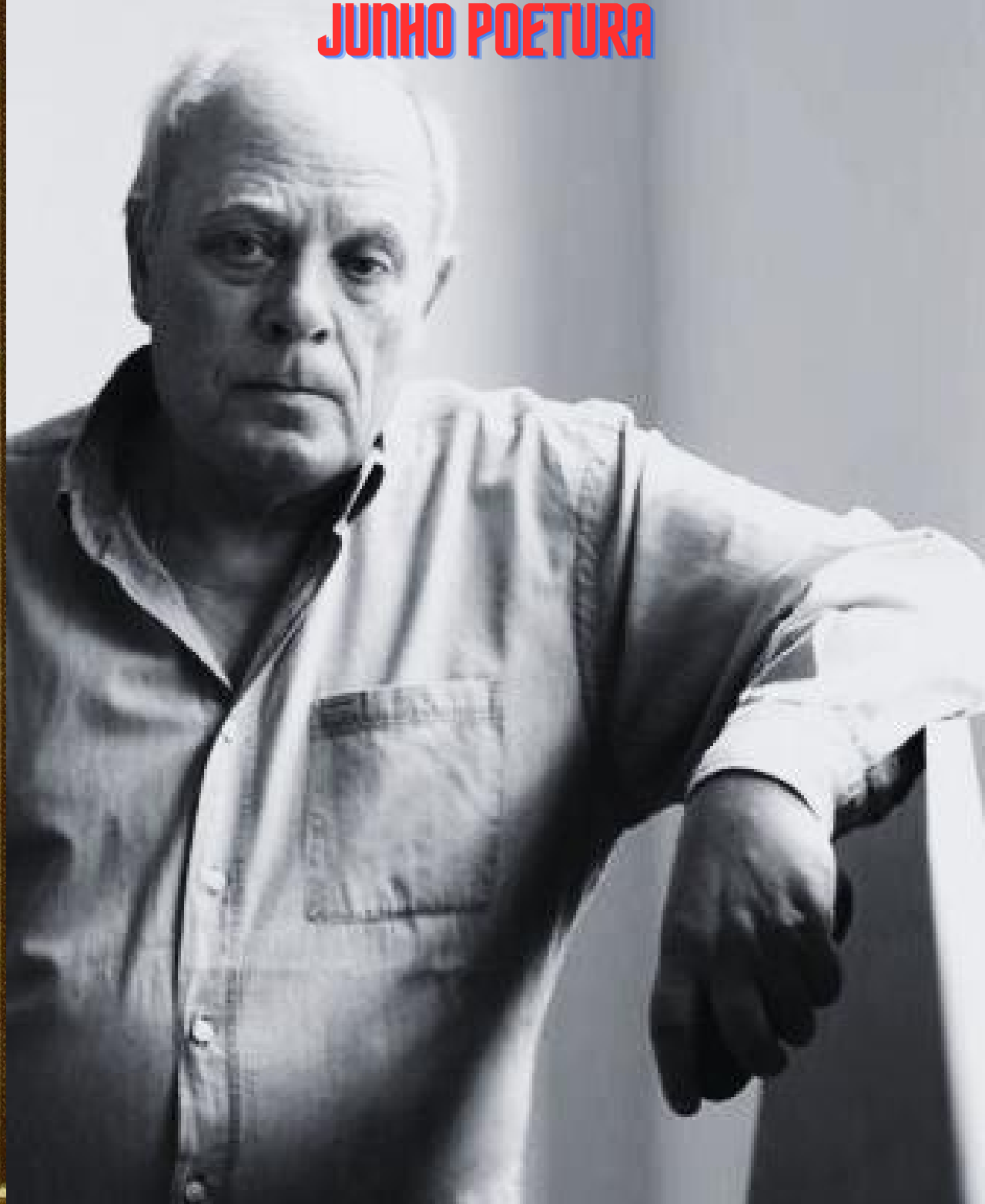
Junte-se à coletânea de contos de terror "Palavras do Abismo" da Editora Poetura e deixe sua imaginação sombria ganhar vida em páginas que prometem arrepiar e fascinar. Seu conto será um grito no escuro, ouvido por todos os amantes do terror!



Participe da coletânea de contos de ficção científica "Exploradores do Espaço" da Editora Poetura e leve seus leitores a viagens intergalácticas repletas de aventura, mistério e descobertas. Seu conto pode ser a próxima grande odisséia que desafiará as fronteiras da imaginação!

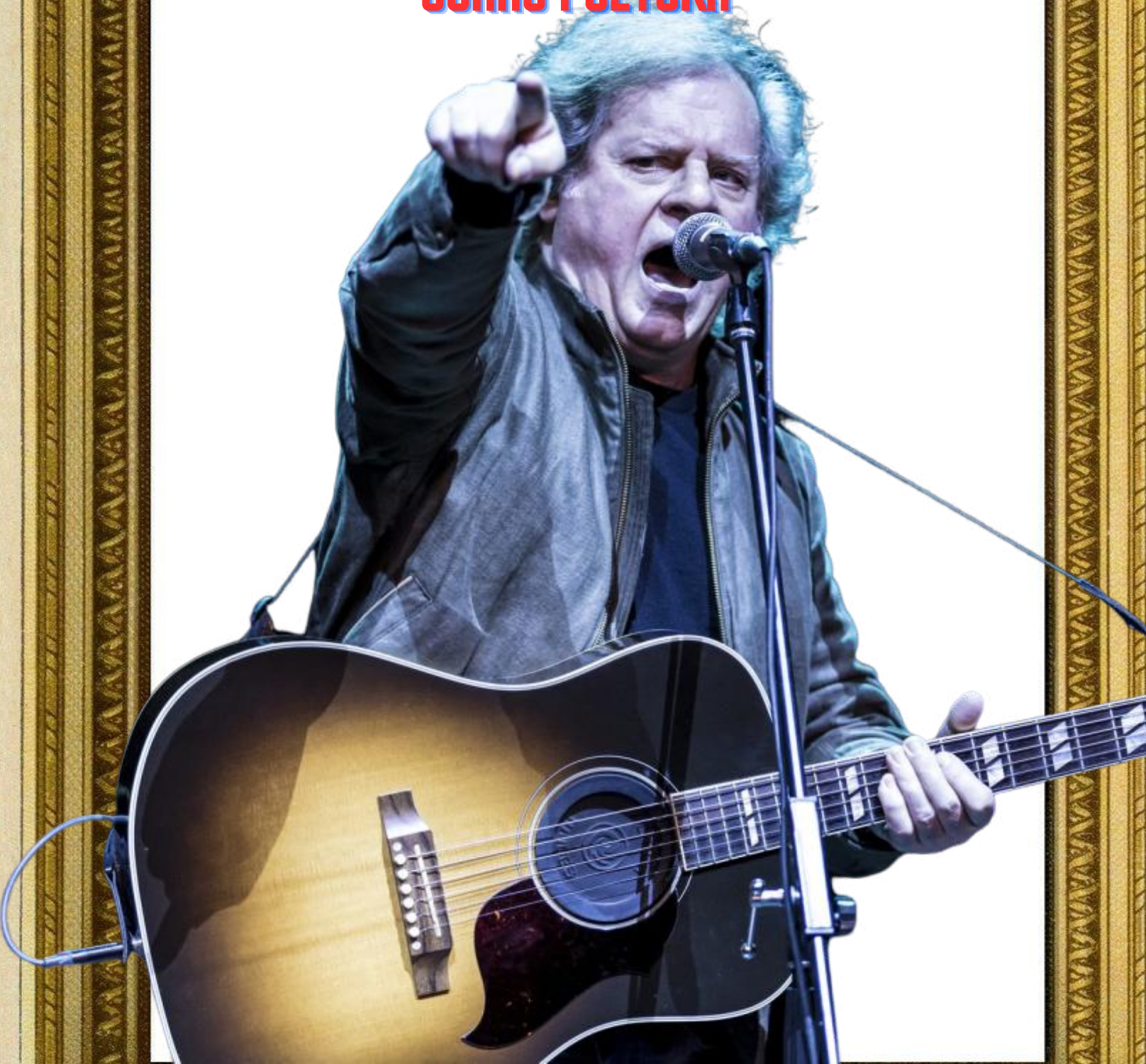


**ESCRITOR DO MÊS DE
JUNHO POETURA**



A. LOBO ANTUNES

**POETA DO MÊS DE
JUNHO POETURA**



A. MANUEL RIBEIRO

DIC A L E R

WRITERS GROUPS

A Guide to Starting One of Your Own

CONFESSIONS OF A FAILED NOVELIST

If At First You Don't Succeed, Try, Try, Try, Try, and Try Again

BOOK ADVANCES

The Fundamentals of Getting Paid

FACT-CHECKING THE MEMOIR

Backing Up Facts, Standing Behind Truth

Poets & Writers

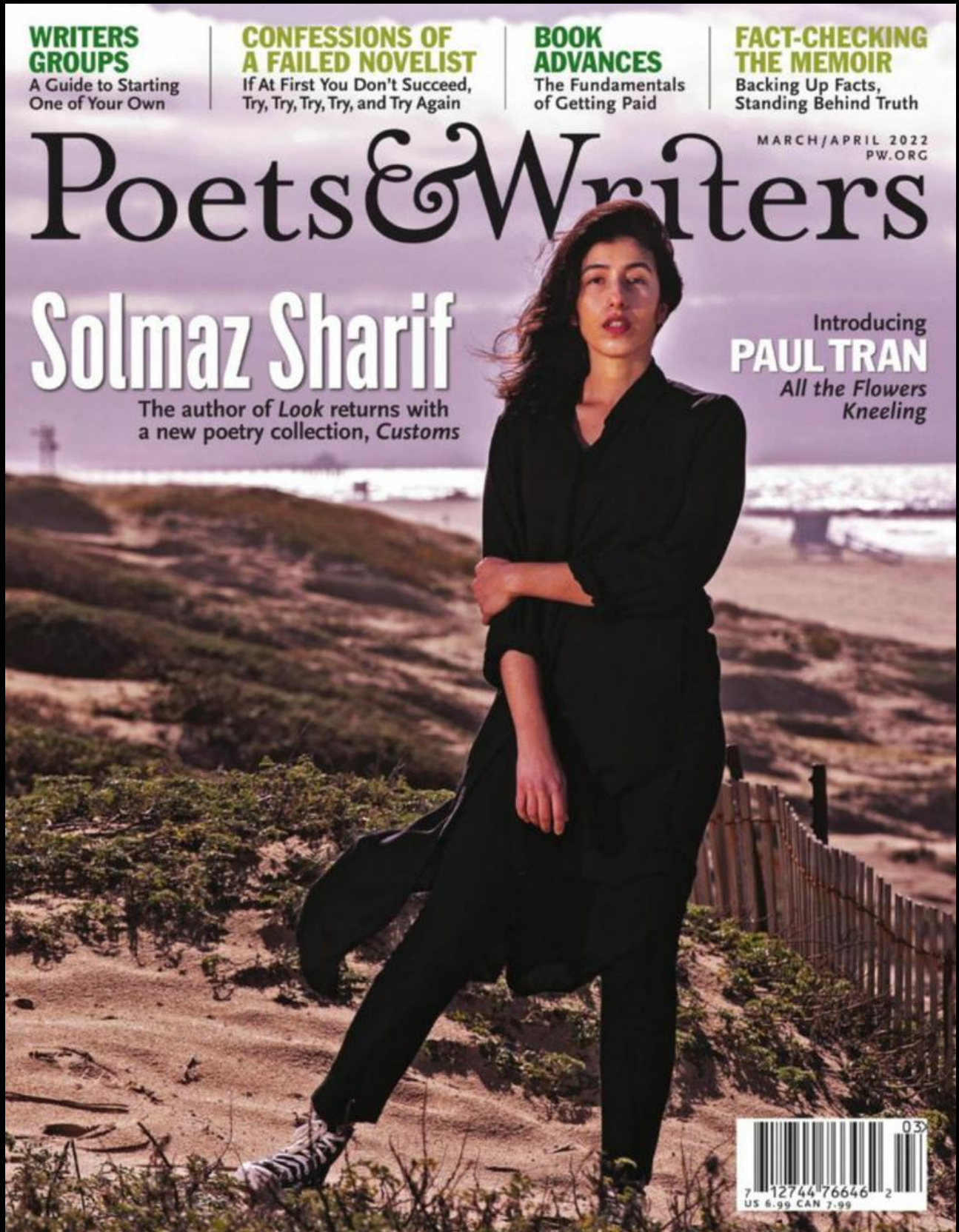
MARCH/APRIL 2022
PW.ORG

Solmaz Sharif

The author of *Look* returns with a new poetry collection, *Customs*

Introducing PAUL TRAN

All the Flowers Kneeling



DICALER

THE HIDDEN POWER OF RETELLING GREAT STORIES

The *Writer* Imagines • Edits • Publishes

THE BOOKTOK REVOLUTION

WHY WRITERS
(AND READERS)
ARE FLOODING
TO TIKTOK

45+
PAGES
OF
REVIEWS



WINDING PLOTTING
32 MOVIES WALK FIRST

WHAT'S NEXT AFTER
LEONARDO DICAPRIO'S 41 MOVIES

THE GOALS OF
PUB. CODES CAMPAIGN



DICA LER

LER

(LIVROS E CRÓNICAS)

JONATHAN COE

O ROMANCISTA QUE FALA
DA INGLATERRA DIVIDIDA

ENTREVISTA DE FILIPA MELO

10 LIVROS
SOBRE
POLÍTICA

POR PEDRO CORRÊA

PRÉ-PUBLICAÇÃO

DE LÍNGUA AFIADA

MULHERES
QUE FORAM
TÃO LONGE
QUANTO PUDERAM

SUSAN SONTAG, HANNAH ARENDT,
JOAN DIDION, MARY MCCARTHY
E OUTRAS

SAMUEL JOHNSON

ALIÁS,
DR. JOHNSON,
O MESTRE QUE
PORTUGAL
AINDA NÃO LEU

POR HUGO PINTO SANTOS

O DINHEIRO

E COMO OS
INTELECTUAIS
TÊM MEDO
DE FALAR DELE

POR ANDRÉ CANHOTO COSTA

DOROTHY PARKER
(1893-1967)

CRÓNICAS DE ABEL BARROS BAPTISTA, EUGÉNIO LISBOA E TIAGO CAVASSO

www.observador.pt



ASSINE A REVISTA POETURA

"Descubra um universo de poesia e criatividade com a Revista Poetura - sua fonte definitiva de inspiração literária!"

FEVEREIRO/MARÇO 2024 - ANO II - N.05 MENSAL - PORTUGAL - PAÍSES LUSÓFONOS

POETURA

Edição Especial

ESCRITORES & POETAS
Armando Beja
Fernando Fonseca
Inaldo Moura
Patricia Vicente
Luís Roxo
Neli Fonseca
Ângelo Rodrigues
Marcus Hemerly
Fortunata Fialho

ESCRITORES & POETAS
Miguel Teixeira
Magna Fontenelle
Lu Galvão
Acácio Costa
Renato Martins
Euclides Cavaco
Gabriella Oliveira
Marilyn Belmonte
Vitorino de Sousa
Antónia Coelho
José Moreno
José Louro
Carmen Ezequiel
Flávia Regina Araujo

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS
MANUEL CARDOSO
TERESA BARRANHA
FERNANDO PESSOA - A LOBO ANTUNES
REVISTA DE POETAS & ESCRITORES INDEPENDENTES

MAIO 2024 - ANO II - N.08 MENSAL - PORTUGAL - PAÍSES LUSÓFONOS

POETURA

**POETURA REVISTA
65K+ VIEWS
OBRIGADA
POR ESCRITORES**

ESCRITORES & POETAS
ARMANDO BEJA
FERNANDO FONSECA
INALDO MOURA
FORTUNATA FIALHO
NELI FONSECA
LU GALVÃO
ACÁCIO COSTA
SHEISE PIEZENTINI
JOSÉ MORENO
CARLA PIMENTA

ESCRITORES & POETAS
LASANA LUKATA
MÁRCIO MUNIZ
FERNANDO VASCONCELOS
MAURÍCIO CAVALHEIRO
CRONISTAS & POETAS
LUÍS ROXO
PATRICIA VICENTE
BARATA CICHETTO
MARCUS HEMERLY

ENTREVISTA EXCLUSIVA
PATRICIA VICENTE
FERNANDO PESSOA - BEATLES
REVISTA DE POETAS & ESCRITORES INDEPENDENTES

MAIO 2024 - ANO II - N.09 MENSAL - PORTUGAL - PAÍSES LUSÓFONOS

POETURA

Edição Especial

ESCRITORES & POETAS
LASANA LUKATA
MÁRCIO MUNIZ
FERNANDO VASCONCELOS
MAURÍCIO CAVALHEIRO
CRONISTAS & POETAS
LUÍS ROXO
PATRICIA VICENTE
BARATA CICHETTO
MARCUS HEMERLY
JAMES JOYCE
FERNANDO PESSOA
SIMON & GARFUNKEL

ESCRITORES & POETAS
ARMANDO BEJA
FERNANDO FONSECA
INALDO MOURA
FORTUNATA FIALHO
NELI FONSECA
ACÁCIO COSTA
SHEISE PIEZENTINI
JOSÉ MORENO
MARA FERREIRA

ENTREVISTA EXCLUSIVA
ANNABEL SAMPAIO
REVISTA DE POETAS & ESCRITORES INDEPENDENTES

MAIO 2024 - ANO II - N.10 MENSAL - PORTUGAL - PAÍSES LUSÓFONOS

POETURA

**EDIÇÃO POETURA
EXCLUSIVA**

POETAS & ESCRITORES
ACÁCIO COSTA
ÂNGELO RODRIGUES
ARMANDO BEJA
BARATA CICHETTO
JOSÉ MORENO
LUÍS ROXO
MARCUS HEMERLY
NELI FONSECA
PATRICIA VICENTE
RUI VELOSO
AS LETRAS QUE MUDARAM PORTUGAL
A. LOBO ANTUNES
O NOBEL QUE FALTA
FERNANDO PESSOA
PALAVRA OCULTAS
E MUITO MAIS...

POETAS & ESCRITORES
ANA SARAGOÇA
MIGUEL A. TEIXEIRA
MÓNICA M. NIETO
LASANA LUKATA
EUCLIDES CAVACO
RENATO MARTINS
FERNANDO FONSECA
FORTUNATA FIALHO
FERNANDO VASCONCELOS
VITORINO DE SOUSA
MAURÍCIO CAVALHEIRO
MARIA FIALHO
MÁRCIO MUNIZ
LU GALVÃO
MARA FERREIRA
REINA DE COREZONES
MARIA CEZER
SHEISE PIEZENTINI

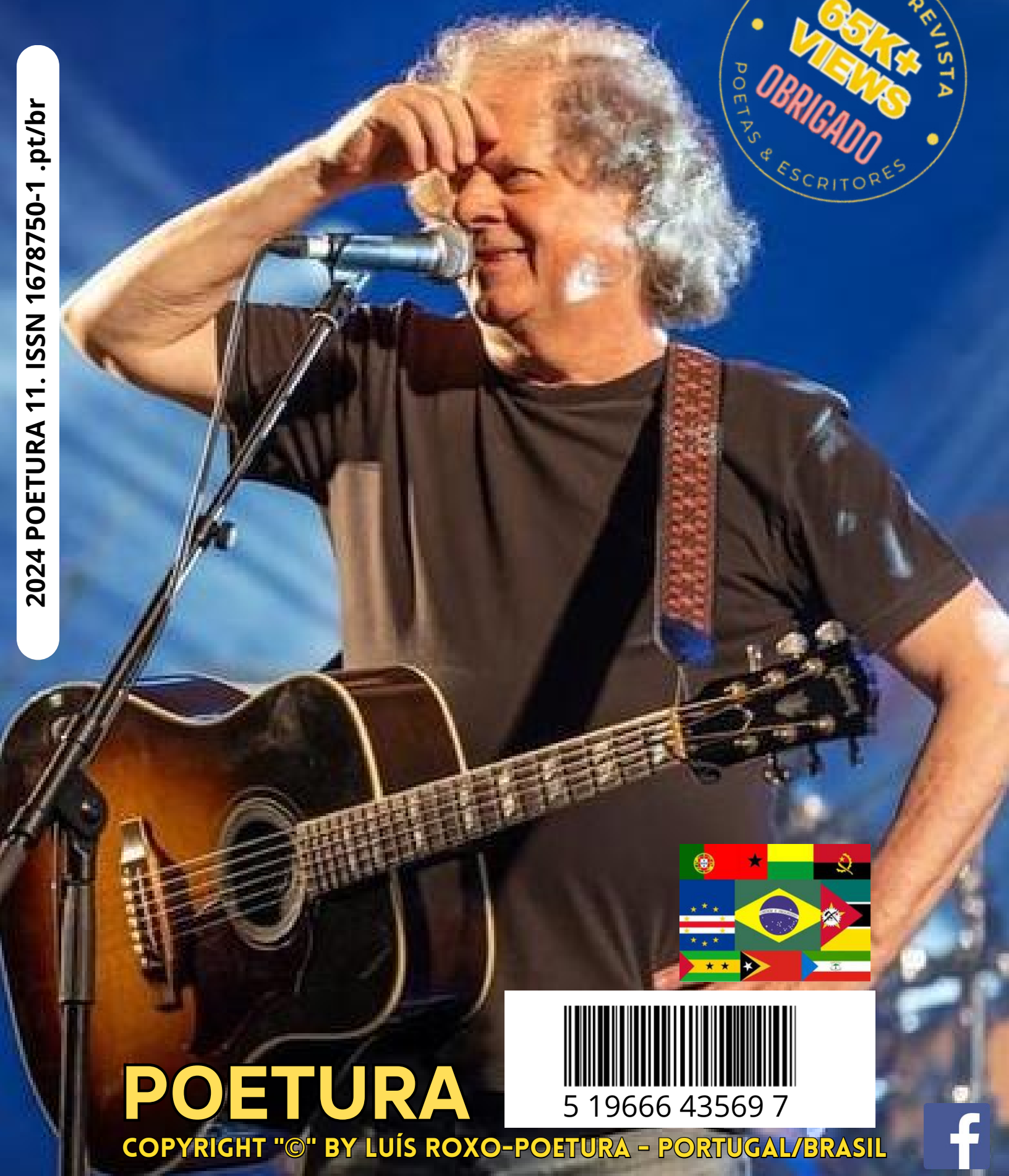
ENTREVISTA EXCLUSIVA
Amyr Von Bathel Cantusio
REVISTA DE POETAS & ESCRITORES INDEPENDENTES



ANTÓNIO
MANUEL RIBEIRO



2024 POETURA 11. ISSN 1678750-1 .pt/br



5 19666 43569 7

POETURA

COPYRIGHT "©" BY LUÍS ROXO-POETURA - PORTUGAL/BRASIL

